

CIEDS: 15 anos de **Boas Práticas**



CIEDS: 15 anos de
Boas Práticas

Compartilhando Aprendizados

Ficha Técnica

Presidente

Vandré Brillhante

Diretor Executivo

Fábio Müller

Comitê Gestor

Aldeli Carmo

Elisabeth Alvarenga

Glaucia Oliveira

Marcia Florêncio

Roselene Souza

Créditos

Coordenação

Marina Rotenberg

Textos e Pesquisa

Nívea Chagas

Layout e diagramação

Fábio Léda

Ilustrações

Gabriel Vianna

Colaboração

Adriano de Araújo, Aldeli Carmo, Ana Carolina Duarte, Carlos Angelo Alves, Claudia Garcia, Elizabeth Alvarenga, Fabiano Silva, Fernando do Nascimento, Isabel Assis, Isabel Maria dos Santos, Leonardo Antunes, Loren Almeida, Luis Sergio Pereira, Maria Cristina Augusto, Maria do Socorro Costa, Rejane Bolquett, Renata Bhering, Rosemeri Teixeira Barros, Rosicleia Meneses, Valeria Chriginio Merker, Valrei Lima Silva

ÍNDICE

- APRESENTAÇÃO **09**
- Bairro Educador: MetrôRio: nos trilhos da cultura e educação** **12**
- Bairro Educador: Conhecer, Escolher e Investir** **19**
- CENAFOCO: Mobilização para transformação** **27**
- Desenvolvimento de Pequenos Produtores Orientados para o Mercado no Vale do Zambeze: Adequação à realidade local: o caminho e o segredo** **36**
- Educa Nilópolis: Olhares Inclusos** **44**
- 11 PALAVRAS INICIAIS**
- 16 Bairro Educador: Núcleo de Responsáveis**
- 23 Bairro Educador: Os Pequenos Repórteres do Meu Pé de Laranja Lima**
- 32 Colorindo Minha Cidade: A arte traduz um novo olhar**
- 41 ECOA: Caravana H2O**
- 48 Educa Nilópolis: Programa de Educomunicadores**

Jovens na luta contra a AIDS: Foco na prevenção e promoção da saúde **51**

NEATES: Economia Solidária na vanguarda de transformações sociais e econômicas **59**

PAIS: Mulheres Amigas da Educação **65**

Plataforma dos Centros Urbanos: A cidade em movimento **72**

Shell Iniciativa Jovem: Cultura empreendedora - decidindo o futuro **79**

PALAVRAS FINAIS **87**

56 **MOPE:** Conversa franca de igual pra igual

62 **NEATES:** Economia solidária em saúde mental

68 **Pax Urbana:** A cidade se expressa em busca da paz

76 **PROIND:** Criatividade para melhoria da qualidade de vida

83 **Teia Educativa Jenipapo:** A escola é a comunidade, a comunidade é a escola

88 **O CIEDS**

APRESENTAÇÃO

Ao final de 2011 o CIEDS lançou um desafio aos seus colaboradores: lembrar 15 anos de história e registrar tudo aquilo que, a seu ver, era uma Boa Prática.

As regras eram simples e claras.

Uma Boa Prática deveria ser todo e qualquer projeto ou recorte de projeto, ou mesmo ação isolada, que por sua forma (metodologia), por sua abrangência (parceiros e beneficiários), por sua importância (impactos e resultados) e por seu potencial de replicabilidade (sustentabilidade e contribuição social) poderiam ser descritas de forma simples e transmitidas para todos os interessados.

Cada colaborador deveria escrever até cinco Boas Práticas, que, depois de enviadas, seriam avaliadas por uma Comissão Julgadora.

Postas as regras, a empreitada começou. Os colaboradores se engajaram e enviaram um total de 75 Boas Práticas, que registraram diversas ações exitosas do CIEDS, em diferentes épocas, lugares e contextos.

Todos os materiais recebidos foram avaliados conforme os critérios contidos no regulamento previamente divulgado, e as 20 mais bem pontuadas foram selecionadas para fazer parte dessa publicação.

O '**CIEDS: 15 anos de Boas Práticas**' é parte da estratégia institucional do CIEDS para a consolidação de sua missão: *"promoção de uma sociedade sustentável tendo como base o conhecimento, a cooperação e o empoderamento das pessoas"*.

A publicação reúne exemplos de iniciativas sociais bem-sucedidas e ideias inovadoras que deram certo, que são multiplicáveis e que podem, no futuro, colaborar com outros projetos, organizações e pessoas. O objetivo é contar parte dessa longa caminhada de 15 anos, a partir de histórias de sucesso, que mudaram a vida de muitas pessoas de dentro e de fora da instituição.

Pretendemos deste modo inspirar ações que construam uma sociedade mais justa, equânime e democrática.

PALAVRAS INICIAIS

Prezado leitor,

Em 2013 o CIEDS completa 15 anos de muitas conquistas alcançadas e obstáculos superados. Registrar e tirar de todos esses desafios novos aprendizados é uma ação importante para o desenvolvimento do nosso trabalho, atual e futuro. É fundamental, ainda, para que alcancemos nossos objetivos institucionais de fortalecer o Terceiro Setor no Brasil e de colaborar com políticas públicas eficazes e equânimes para todos.

Ao longo de nossa atuação, realizamos mais de 350 projetos, com cerca de 600 parceiros, em diversos locais do Brasil e da África. Cada experiência trouxe lições que aprimoraram nossas metodologias de trabalho e firmaram o jeito CIEDS de implementar projetos sociais.

Ao lançar o '**CIEDS: 15 anos de Boas Práticas**' vamos ao encontro de nossa missão e reforçamos a crença de que a partir da sistematização, do registro e da disseminação de nossas ações contribuimos para a produção de conhecimento na área social.

Com essa publicação, em especial, nosso compromisso é ainda maior. Aqui estão descritas marcantes práticas, projetos e ações a partir das percepções de nossos próprios colaboradores, que fazem a cada dia uma instituição mais sólida, transparente, comprometida e flexível, que se adapta a diferentes realidades, na busca por uma atuação eficaz e eficiente que apoia transformações sociais reais e duradouras.

O CIEDS articula parcerias estratégicas que constroem redes para a prosperidade. Cada Boa Prática aqui descrita é um ponto dessa rede. Acreditamos que a partir da conexão e complementaridade entre esses pontos é que estamos perseguindo nossa missão, exercendo nossa responsabilidade social e contribuindo para um país, e um mundo, melhor.

Aqui você verá alguns capítulos de nossos 15 anos de história. Uma história que temos orgulho de contar.

Boa leitura.

Vandré Brilhante

Diretor Presidente

Bairro Educador

A comunidade a serviço da Educação

O Projeto Bairro Educador faz parte do Programa Escolas do Amanhã, da Secretaria Municipal de Educação, e é executado pelo CIEDS junto a 195 escolas da Cidade do Rio de Janeiro, desde julho de 2010. O Bairro Educador alcança 130 mil alunos.

A meta do projeto é contribuir para a formação integral dos estudantes do primeiro e do segundo segmentos do Ensino Fundamental da rede pública. Como estratégia para chegar a essa meta o Bairro Educador fortalece a comunidade escolar por meio da consolidação de redes locais e regionais: convoca diferentes atores e instituições que atuam localmente; articula serviços, políticas e ações; identifica espaços e oportunidades que possibilitem a ampliação das ofertas educativas que podem chegar aos alunos.

Números

Atividades culturais: 1.861

Aulas passeio: 752

Oficinas: 2.810

Com o projeto, a escola amplia seu raio de ação, alcança a cidade e seus potenciais educativos para muito além dos seus muros. A escola sai da sala de aula e ganha a comunidade e o bairro para buscar mais interação, mais acessos, mais conhecimento. Ao mesmo tempo, convida o bairro a entrar na escola e enriquece a comunidade escolar.

Com esse movimento, o Bairro Educador retoma e fortalece o papel da escola como polo privilegiado de formação e como referência comunitária de cidadania e participação. E, nesse sentido, estabelece alianças e instaura processos de comunicação que facilitam a aproximação de indivíduos e instituições locais das unidades escolares.

O foco de todas as ações e apoiar é ampliar a aprendizagem dos alunos, que passam a contar com novos espaços e caminhos que integrem a sua escola à cidade, a seus patrimônios históricos, culturais, materiais e imateriais.

Todas as atividades realizadas pelo Bairro Educador estão alinhadas com os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e funcionam como ferramenta para contribuir para a educação integral de crianças e adolescentes cariocas.

Dentro do Bairro Educador, surgem inúmeros projetos e ações criados a partir de Núcleos Pedagógicos, que identificam oportunidades de somar valores aos conteúdos trabalhados nas salas de aula, em diferentes disciplinas. Assim, surgem projetos dentro do Bairro Educador que merecem o selo de boas práticas pelo seu potencial e resultados.

MetrôRio: nos trilhos da cultura e educação

Sobre os trilhos da cidade, cidadania

Parceria. Essa pode ser a palavra mágica, um abracadabra para um novo mundo: acesso à cidade, aos seus serviços, aos seus bens culturais. Acesso à paisagem, aos caminhos, ruas e trilhos para outros lugares e experiências.

O Projeto Bairro Educador, como um grande carrossel, coloca em movimento ações e ideias que brotam da criatividade de coordenadores, professores e alunos. São atividades que abrem inúmeros acessos a partir da rede municipal de ensino da Cidade do Rio de Janeiro e criam novos caminhos que partem da unidade escolar rumo ao bairro e à cidade. O Projeto MetrôRio: nos trilhos da cultura e educação é a realização literal desse movimento.

Em 2011, a parceria entre o Bairro Educador e o setor de Responsabilidade Social do MetrôRio permitiu que mais de 8.500 cariocas – estudantes, professores, diretores de escola, pais e responsáveis tivessem acesso a peças

de teatro, concertos de música erudita, espetáculos circenses e outros eventos culturais patrocinados pela empresa. E não apenas o acesso gratuito, mas também transporte até o evento. De Metrô, é claro.

Um dos obstáculos para que as escolas promovam atividades externas é conseguir transporte para levar crianças, adolescentes, pais e professores até onde está a “festa”. A gratuidade oferecida pelo Metrô foi decisiva para o sucesso da ação e atingiu diretamente escolas da Zona Norte e Zona Sul da cidade, próximas às estações: Pavuna, Engenheiro Rubens Paiva, Acari/Fazenda Botafogo, Coelho Neto, Colégio, Irajá, Vicente de Carvalho, Engenho da Rainha, Inhaúma, Del Castilho, Triagem, São Cristóvão, Cantagalo e Tijuca.

A equipe do Bairro Educador verificou que a maioria das crianças e adolescentes incluídos no projeto nunca tinha ido a eventos na Zona Sul da cidade e cerca de 60% nunca tinha saído sequer da região onde vive.

A parceria com o Metrô abriu um novo mapa para esse público e forneceu trilhos que apontam para cidadania, educação, inclusão.

Como bom fermento, a mobilização e a capacidade de fazer novos contatos e de abrir frentes de parceria ampliam os horizontes e integram mais e mais atores, fazendo crescer o movimento.



Responsabilidade da comunidade escolar - no rumo de uma ação sustentável

O Projeto MetrôRio: nos trilhos da cultura e educação abriu um universo cheio de possibilidades para professores e alunos. As experiências e atividades culturais possibilitam a criação de ações e dinâmicas educativas que transcendem a sala de aula e influenciam na formação dos alunos e mesmo dos professores, pais e responsáveis. Cultura e arte oferecem novas formas de olhar o mundo.

E, dentro do contexto do Bairro Educador, o CIEDS reafirma a prática de fomentar o protagonismo da comunidade como garantia de sustentabilidade dos projetos e de transformações reais. Aqui, a comunidade escolar é a organizadora das atividades que serão realizadas em parceria com o Metrô. O Núcleo de Responsáveis, que o Bairro Educador ajuda a formar em cada escola, é o propulsor da participação da comunidade.

O próprio MetrôRio tem sido diretamente influenciado por uma nova dinâmica local, inaugurada pelo Bairro Educador e começa a reavaliar os projetos que patrocina a partir de uma ótica que leva em conta a participação da comunidade e da escola.

Exemplo foi o projeto do MetrôRio, o Copa Graffiti, concurso para grafitar os muros das estações da Linha São Cristóvão-Pavuna. As unidades escolares localizadas próximas às estações da linha pediram para participar do concurso e foram atendidas pelo Metrô, que modificou o projeto original para incluí-las.

Além disso, o MetrôRio também patrocina projetos culturais e ambientais realizados dentro das escolas envolvidas no Bairro Educador, num processo de consolidação da parceria que colabora para que a comunidade escolar e local acumule capital social para continuar atuando.

programação motivou a equipe do projeto a procurar a produção do Unicirco, afinal, estava ali um potencial parceiro muito atraente. A equipe conversou com a coordenação pedagógica e artística, apresentou o projeto e começou um namoro que logo, logo virou coisa séria. O Bairro Educador conseguiu uma cota permanente de ingressos mensais e bolsas de estudo para oficinas de circo.

E a parceria deu outros frutos.

Alexandre Cruz, aluno da Escola Municipal Andrea Fontes Peixoto, lá em Parque Columbia, sonhava com palcos e picadeiro, queria ser bailarino circense. E, na primeira vez que foi ao Unicirco saiu zozzo, maravilhado. O sonho existia e o colorido e a música do circo reafirmaram seu desejo.

Com uma longa estrada percorrida na execução de projetos sociais, onde a palavra "parceria" está sempre presente, a equipe do CIEDS não apenas aproveita oportunidades, mas cria oportunidades. Não se trata de pegar o que aparece. Trata-se de fazer acontecer.

Sob a lona mágica do circo

O MetrôRio forneceu ingressos para o Unicirco Marcos Frota. O Bairro Educador levou seus adolescentes, professores e pais. Foi uma festa. O sucesso da

Quando soube que os alunos das escolas do Bairro Educador teriam acesso a vagas para as oficinas, Alexandre deu pane emocional. Desmaiou.

Mas voltou a si em tempo, com emoção e garra para conseguir seu lugar lá. Estava no seu destino e, durante quatro meses, Alexandre frequentou as aulas, trabalhou duro e ensaiou muito para seu espetáculo.

Na apresentação final do curso, a plateia cheia de amigos da escola, equipe gestora e equipe do Projeto Bairro Educador vibrava com a magia de ver um sonho realizado. Para Alexandre, foi o melhor dia de sua vida.

**Abrangência Geográfica:**

Escolas municipais circunvizinhas às Estações do MetrôRio na Zona Norte e Sul da Cidade do Rio de Janeiro.

Participantes:

Estudantes e professores do primeiro e segundo segmentos das escolas municipais circunvizinhas às Estações do MetrôRio na Zona Norte e Sul da Cidade do Rio de Janeiro.

Período de realização:

Maior de 2011 até agosto de 2013.

Financiador:

Secretaria Municipal de Educação,
Prefeitura do Rio de Janeiro

Núcleo de Responsáveis

A escola não é apenas um lugar para deixar os filhos por algumas horas todos os dias. Ou não deveria ser. E é com a proposta de diminuir a distância física e imaginária entre o lugar de morar e o lugar de aprender que a experiência de articulação comunitária e solidariedade criativa Núcleo de Responsáveis envolveu alunos, professores e responsáveis nos bairros Vila Kennedy, Cesarinho, Paciência e Bangu, todos na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro.

Prática aprovada com base nos resultados levantados pelo Projeto Bairro Educador ao longo de 2011 e 2012, o Núcleo de Responsáveis, reuniu pais, mães e outros responsáveis pelas crianças em grupos que desenvolveram atividades dentro e fora das escolas. Os Núcleos foram instalados e trabalharam na articulação de moradores e organizações públicas e privadas que atuavam nas comunidades próximas de cada unidade escolar. O objetivo, alinhado com as premissas do projeto, foi a ressignificação do espaço de ensino, substituindo práticas antigas por novas formas de relacionamento. O Núcleo de Responsáveis convidou os pais a se integrarem ao processo educacional das crianças, deixando para trás o papel de apenas cobrar desempenho e notas.

Cada Núcleo foi formado por mães e responsáveis de alunos regularmente matriculados nas escolas, indicados pela direção de cada uma delas, que passaram a participar de encontros periódicos de sensibilização, diálogo e capacitação, além de reuniões quinzenais com representantes do CIEDS.

Foi criada uma ponte entre comunidade e escola. Esta ponte se constituiu num dos caminhos trilhados para criar condições de combate à evasão escolar e acompanhar, em conjunto, o rendimento dos alunos.

A aproximação entre pais, comunidade e escola gerou um vínculo de solidariedade e trabalho junto com as próprias famílias que frequentaram o ambiente escolar e compartilharam o Projeto Político Pedagógico, PPP, da escola. É efetivamente uma nova relação com a formação e aprendizagem dos filhos.

Rodas de leitura, visitas culturais, palestras e oficinas foram desenvolvidas reunindo alunos e pais num ambiente de integração que fortalecem a escola, integrou a família ao aprendizado e gerou resultados que transcenderam a questão escolar. Como exemplo, a criação de novos hábitos para os pais.



Vamos ler juntos?

Uma Roda de Leitura colocou pais e alunos na biblioteca da escola para uma imersão no mundo da literatura. As Rodas de Leitura estimularam a criação do hábito de ler a partir do ambiente doméstico.

Em visitas à biblioteca da escola, os pais foram incentivados a conhecer o acervo, escolher os títulos e levar livros para ler

junto com os filhos no fim de semana. A equipe do Bairro Educador trabalhou junto aos pais no sentido de identificar pontos de convergência entre a literatura e a realidade local, a vida real.

O exercício trouxe resultados substanciais, na medida em que relacionar os conteúdos com a vida real contribuiu para uma nova relação com a leitura e a literatura.

Diante do primeiro obstáculo, uma oportunidade evidente

A proposta de criação de um corpo de apoio fixo nas escolas composto por responsáveis trouxe as demandas específicas de valorização do espaço, criação da interligação entre comunidade e escola e desenvolvimento de estratégias para o acompanhamento do rendimento e frequência dos alunos.

Mas como trazer de forma qualitativa a presença dos responsáveis para o espaço escolar?

A resposta a essa pergunta está mais próxima do que parece: ao longo do ano letivo, foi perceptível à direção de cada unidade escolar que havia responsáveis que se destacavam como os mais interessados e atuantes na relação com a escola. Com a proposta da solidarização, foi possível articular o diálogo com esses pais e mães, que, por sua vez, levaram a proposta adiante, para aqueles responsáveis menos envolvidos com o cotidiano escolar.



A sistematização e coletivização tanto do trabalho como dos resultados, além de promover a gestão democrática na escola, tornou questões como a frequência e o desempenho do aluno uma preocupação de todos, apropriada como elementos importantes para a formação de seus filhos, e não mais porque “lugar de criança é na escola”.

Ciclo de melhorias

A aproximação entre escola e família ajudou a quebrar o paradigma de que a escolaridade das gerações tende a se repetir. Geralmente, uma tradição de baixa escolaridade já presente na família gera um menor reconhecimento da importância do ambiente escolar, o que acaba resultando no baixo aproveitamento e eventual evasão do aluno. A presença dos responsáveis nas salas de aula, por outro lado, produz uma renovação dos valores e das perspectivas relativas ao aluno e à dinâmica das famílias.

A relação, porém, é simbiótica, e não traz benefícios a apenas um dos lados da moeda. Ao ajudarem no monitoramento dos resultados obtidos entre sala de aula e lar, os responsáveis se tornavam mediadores na relação aluno-professor, bem como no contato entre os demais responsáveis que não necessariamente integravam o Núcleo com a direção das escolas.

Em paralelo, também puderam ser formados grupos de atuação junto aos pais que apresentavam dificuldades na relação com os filhos, gerando um vínculo de solidariedade e produção de trabalhos efetivos com as famílias. A partir dessa prática, foi diretamente observada não apenas uma redução na evasão escolar nas turmas que possuíam responsáveis representantes. As melhorias, segundo o Gestor de Núcleo Fabiano Silva, passam pelo diálogo e pela disciplina e chegam até mesmo à higiene pessoal.

Afinal, a escola também é lugar de pais e responsáveis.



Abrangência Geográfica:

Escolas integrantes do Bairro Educador em Vila Kennedy, Cesarinho, Paciência e Bangu

Participantes:

Estudantes e responsáveis das escolas do Bairro Educador em Vila Kennedy, Cesarinho, Paciência e Bangu

Período de realização:

Abril de 2011 a dezembro de 2012.

Financiador:

Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Conhecer, Escolher e Investir

Desfrutar do momento ou cuidar do amanhã? Ousar ou guardar-se? São perguntas das quais não se escapa. Mesmo que deixemos de fazê-las, agindo sob a hipnose do hábito ou em estado de “venturosa inconsciência”, elas serão respondidas por meio de nossas ações. Das decisões cotidianas ligadas a dieta, saúde e finanças às escolhas profissionais, afetivas e religiosas de longo alcance, as trocas no tempo pontuam a nossa trajetória pelo mundo.

O Valor do Futuro, Eduardo Giannetti

O Projeto CEI, Conhecer, Escolher, Investir, tratou de um tema crucial, mas muitas vezes menosprezado, na vida do adolescente: o futuro.

O CEI foi criado dentro do projeto Bairro Educador para ser aplicado nas turmas de primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental das escolas municipais da Cidade do Rio de Janeiro, preparando os estudantes para o momento de transição para o Ensino Médio.

O CEI encontra os alunos que vêm, em sua grande maioria, de famílias de baixa renda, cujos membros adultos têm poucos anos de estudo. E, mesmo que o discurso sobre a importância da educação para a melhoria da qualidade de vida esteja incorporado por pais e responsáveis, o investimento na escolarização dos filhos ainda não está consolidado como prioridade.

Mesmo que se considere a condição de pobreza, que requer a colaboração de todos os membros da família no orçamento doméstico, esta necessidade afeta a decisão de manter os filhos na escola ou incentivar o ingresso no mercado de trabalho, mesmo que informalmente, porque os dois aspectos são importantes.

No caso da opção pela geração de renda, a falta de expectativas em relação ao futuro, a ausência de incentivos ou exemplos que estimulem planos de uma carreira e as próprias dificuldades no desempenho escolar matam sonhos ou nem sequer permitem que nasçam. A realidade imediata fala mais alto que o planejamento de um futuro distante e incerto. Some-se, finalmente, a tudo isso o desinteresse pela escola, já apontado por pesquisas sobre evasão escolar. Deixar a escola, não é, portanto, uma decisão difícil.

O CEI veio justamente dizer aos adolescentes do Bairro Educador que o futuro pode, sim, ser diferente. E que isso depende diretamente do seu compromisso com a escola, porque na educação está a grande chance de romper o ciclo de pobreza e mudar a história de suas famílias. O CEI convidou os alunos a sonhar e a aprender a realizar seus sonhos.



A ação se desenvolve em três etapas, ao longo de dois anos e meio. Depois de aprovado pela Direção Escolar e pelos professores, parceiros cruciais para o sucesso de todo o processo, o CEI realiza oficinas com os alunos do sétimo ano que debatem a importância da escola para sua formação e futura empregabilidade. No oitavo ano, iniciam as oficinas sobre projetos de vida, onde começam a trabalhar aspectos sobre a transição para o Ensino Médio, mapeando as escolas de sua região, inclusive de ensino profissionalizante. Finalmente, no nono ano, os alunos realizam uma Feira de Profissões e, à luz de tudo o que foi discutido, ajustam os seus projetos de vida.

Aprender a refletir, escolher e planejar - meu projeto de vida

*Três homens assentavam tijolos quando alguém que passava na rua lhes perguntou: "O que vocês estão fazendo?"
O primeiro respondeu: "Assentando tijolos";
o segundo disse: "Estou trabalhando para sustentar minha família";
e o terceiro: "Estou construindo uma catedral".*

Parábola anônima

O CIEDS buscou a Junior Achievement (JA), um parceiro especialista em projetos de vida para trabalhar com os alunos as primeiras etapas do CEI. A JA foi a responsável por levar os jovens estudantes a entender a importância da escola na construção de seu futuro – a catedral de cada um.

A instituição aplica o Programa As Vantagens de Permanecer na Escola numa sequência planejada de oficinas e temas que introduzem as questões sobre empregabilidade e educação, qualificação profissional e salários, e, finalmente, planejamento do futuro. Todos os momentos têm um viés lúdico e participativo, propondo novas formas de aprendizagem e modos de trabalho cooperativo.

O processo começa com um jogo de tabuleiro, um "jogo da vida", que leva à compreensão de como as decisões atuais afetam o futuro. O jogo foi desenvolvido especificamente para levar estudantes a refletir sobre

a relação entre escolaridade e opções de trabalho e carreira; sobre as relações entre planejamento, estratégias e alcance de metas.

Em outras oficinas, os alunos analisam gráficos demonstrativos da relação direta entre escolaridade e vagas no mercado de trabalho e salários; mais tarde, já no oitavo ano, vão elaborar orçamentos e analisar as condições para continuar estudando, incluindo gastos pessoais, material didático e todas as possibilidades existentes.

O CEI proporcionou a vivência e o debate sobre as dificuldades reais de sustento para quem possui uma baixa escolaridade. Trouxe para a discussão os motivos da evasão escolar e suas consequências. Discutiu a vida real. E esse é um debate que interessa a todos: alunos, professores, diretores de escola, pais e responsáveis.

Os alunos aprendem a visualizar quais os custos e as vantagens de estudar, recebendo informações sobre salários, por exemplo, que os municiam para fazer escolhas mais conscientes.

Finalmente, fazem os seus projetos de vida e começam a verificar, na sua região, quais são as instituições de Ensino Médio que atenderiam ao seu desejo, quais os passos necessários para conseguir vaga, que outras

opções seriam possíveis, dentro de sua realidade. No programa da Junior Achievement, os estudantes trabalham com experiências, informações e dados reais sobre mercado de trabalho.

No início do nono ano, o CEI realiza com diversos parceiros, a Feira das Profissões. Cabe mencionar que a Feira das Profissões já integra o Bairro Educador, sendo uma das Trilhas Educativas. As Trilhas são compreendidas como “caminhos pedagógicos” para abordar diversos campos do conhecimento e contextos temáticos, sempre buscando integrar a escola à comunidade. No tema da empregabilidade, chama-se Trilha Profissional.

No contexto do CEI, a Feira das Profissões é a culminância do projeto. Em modelos diferentes, a Feira propicia o encontro dos estudantes com profissionais e empresas do mercado de trabalho, onde podem fazer perguntas e conhecer melhor cada carreira ou nicho de mercado. Tudo o que aprenderam e discutiram ao longo dos dois anos e meio será utilizado aqui.

O CEI já testou, com sucesso, três diferentes formatos:

- i. Feira de Profissões – profissionais do bairro e da cidade, de diferentes áreas de trabalho, apresentam suas profissões, os instrumentos necessários ao seu ofício e seus materiais, em stands montados nas escolas. Os estudantes visitam cada profissional.
- ii. Banca de Profissionais – cinco a dez profissionais de diferentes campos de trabalho se disponibilizam a apresentar seu trabalho e a responder perguntas dos alunos.
- iii. Banca de Profissionais de uma mesma área – cinco a dez profissionais de uma mesma área, mas com diferentes inserções, se disponibilizam a apresentar seu trabalho e a responder perguntas dos alunos.



A informação e o conhecimento também precisam chegar aos pais e responsáveis. O CEI levou aos estudantes uma possibilidade de discussão que eles dificilmente teriam em casa. Abriu portas para o diálogo, para a reflexão e para as escolhas, em família.

Depois das Feiras, os alunos visitam empresas, instituições e profissionais autônomos, aprofundando as questões levantadas na Feira das Profissões e permitindo o conhecimento de ambientes de trabalho.

Na Escola Municipal Eurico Salles, no Engenho da Rainha, Zona Norte da cidade, a Feira de Profissões atraiu mais de 250 estudantes para conhecer profissões e trabalhadores de diferentes áreas, empresas e instituições. Teve até aluno antigo da escola que voltou, como profissional, para conversar com os estudantes.

Os profissionais foram convidados segundo o interesse dos alunos da Eurico Salles: engenheiro, técnico em segurança do trabalho, enfermeiro, dentista, profissional da moda, estética e beleza, mecânico, artista, advogado, assistente social, economista e profissional da área de esportes. Todos se dispuseram a responder as perguntas dos estudantes sobre detalhes da carreira, salários e rendimentos, habilidades e competências requeridas na profissão.

A Feira teve o apoio do SENAI, que levou material informativo sobre seus cursos técnicos, apresentando um novo universo de possibilidades.

A equipe do Bairro Educador também montou seu stand, onde disponibilizou um teste vocacional on-line. Os estudantes respondiam a perguntas e recebiam indicações do seu perfil profissional.

“Se você perguntar para os alunos o que eles querem ser, 85% deles vão dizer ‘hã... não sei...’ Eu acho que todo mundo tem que ter uma opção de vida, você tem que saber o que você quer, não é só pegar qualquer profissão que te dê dinheiro.”

(Estudante Bruno, 9º ano).

A Feira possibilitou um encontro único entre jovens estudantes e trabalhadores. Muitas perguntas sobre a carreira, as habilidades requeridas e o retorno financeiro surgiram. No entanto, como grande legado de todo o processo, ficou a reflexão, proposta a todos, profissionais, alunos, professores e visitantes, sobre o papel da escola e da qualificação na trajetória de vida de cada um. Afinal, o que queremos do futuro?

Abrangência Geográfica:

Escolas integrantes do Bairro Educador nas zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro

Participantes:

Turmas do primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental das escolas municipais das zonas Norte e Oeste da Cidade do Rio de Janeiro integrantes do Bairro Educador

Período de realização:

De outubro de 2010 a agosto de 2013

Financiador:

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Os Pequenos Repórteres do Meu Pé de Laranja Lima

Enxergar, pensar, mudar. A partir de reflexões que saem das páginas de um livro para a história real de meninos e meninas moradores de Bangu, a equipe da ação Os Pequenos Repórteres do Meu Pé de Laranja Lima construiu um novo olhar sobre as casas, ruas e histórias de uma região que mantém a familiaridade do lar, mas também apresenta encantos insuspeitos a quem se dispõe a vê-los, como aprenderam a fazer os pequenos repórteres do CIEP Olof Palme.

O livro escolhido para a atividade, iniciada no âmbito do Bairro Educador em setembro de 2011, foi Meu Pé de Laranja Lima, de José Mauro Vasconcelos. A obra narra as percepções e vivências do menino Zezé no contexto de uma família pobre de Bangu, com muitas privações.

O comovente retrato não fica muito distante da realidade das famílias de muitos dos alunos do CIEP.

“Mamãe nasceu trabalhando, desde os seis anos de idade quando fizeram a Fábrica que puseram ela trabalhando. Sentavam mamãe bem em cima de uma mesa e ela tinha que ficar limpando e enxugando ferros. Era tão pequenininha que fazia molhado em cima da mesa porque não podia descer sozinha... Por isso ela nunca foi a escola nem aprendeu a ler.”

Meu Pé de Laranja Lima, José Mauro de Vasconcelos, pg. 30.

Zezé descobre o pé de laranja lima do quintal de casa como um excelente interlocutor para conversar sobre seus sonhos, desejos e fantasias. E, uma vez com a prosa e poesia, paisagens e indicações da história de Zezé na cabeça – e, tão importante quanto, no coração –, os estudantes do primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental partiram para criar suas próprias expressões e mapear o bairro de Bangu de acordo com as passagens do livro.



Após a leitura, a primeira fase da ação, O Descobrir das Coisas, consistiu na formação de um Núcleo de Educomunicadores no CIEP, que funcionaria como uma extensão da sala de aula. A atividade proposta estava alinhada com a Comunicação Comunitária, num processo que possibilita a sensibilização dos alunos e corpo docente quanto à identidade local por meio da leitura e pesquisa social de campo.

Nessa etapa, ficou sob a responsabilidade dos alunos a criação de um “zine” (publicação amadora, normalmente artesanal, em formato de revista ou semelhante) e um blog sobre o projeto, e também a articulação de parceiros para a ação. O Núcleo foi capacitado para preparar o material e os alunos se dividiram em “profissões” – fotógrafos, operadores de câmera, jornalistas – com tarefas determinadas nas visitas aos espaços mapeados. Assim, os jovens não eram alunos passivos, mas estudantes descobridores do mundo ao redor, capazes de desenvolver um amadurecimento autônomo do próprio aprendizado.

“(...) nesse momento um apito lindo, que me deixou todo arrepiado, ecoou na entrada da Estação. Era o Mangaratiba. Violento, orgulhoso, dono de todos os trilhos. Passou voando, chacoalhando os vagões naquela lindeza toda. As pessoas das janelinhas olhavam para fora. Todo mundo que viajava era feliz.”

Meu Pé de Laranja Lima, pág. 140.

Existe poesia no meu bairro!

Em seguida, a proposta seguiu com a preparação de uma maquete que ficaria em exposição na escola para a comunidade, na fase denominada Tantas São as Velhas Árvores. Por meio de rodas de conversa entre os próprios estudantes e com os alunos das oficinas de teatro – outra atividade do Bairro Educador - o projeto estimulou o debate sobre o que foi visto e ouvido nas visitas a locais como o Cassino Bangu, o Bangu Atlético Clube, cinemas e a histórica fábrica de tecidos que também leva o nome do bairro, e sobre os sentimentos dos alunos em relação aos trechos do livro com as observações de Zezé a respeito do bairro e dos locais visitados.

“Os céus ficavam por todos os lados repletos de papagaios de todas as cores. Papagaios lindos de todos os feitios. Era a guerra no ar. As cabeçadas, as lutas, as laçadas e os cortes.

Os giletes cortavam as linhas e lá vinha um papagaio rodopiando no espaço embaraçando a linha do cabresto com a cauda sem equilíbrio; era lindo tudo aquilo. O mundo se tornava só crianças da rua. De todas as ruas de Bangu.”

Meu Pé de Laranja Lima, pg. 100.

Por fim, na etapa De Pedaco em Pedaco é que se faz Ternura, foi realizada uma exposição de fotos das visitas no CIEP e uma excursão ao Museu do Trem. Lá, os alunos tiveram palestras com representantes da empresa sobre a história e a importância desse transporte para a Fábrica de Bangu e para o próprio bairro.

A abordagem permitiu à equipe do Núcleo instaurar novos horizontes metodológicos para o Projeto Bairro Educador. Historiografia e literatura se integraram para possibilitar a reflexão e uma vivência diferenciada de espaços físicos tão comuns aos alunos.



O “Pequenos Repórteres do Meu Pé de Laranja Lima” foi ao encontro de planos antigos da Diretora do CIEP Olof Palme, Angela Ferreira, que identificou uma lacuna na relação dos estudantes com o seu bairro. “Era um sonho meu, como coordenadora pedagógica, desenvolver um projeto onde as crianças pudessem conhecer o bairro onde elas moram e estudam, para que tivessem a dimensão desse lugar. Porque o bairro vai além da comunidade onde eles moram. Tivemos a ideia de trabalhar com o livro *Meu Pé de Laranja Lima*. No livro, vários aspectos são explorados, desde a valorização enquanto ser humano, até fazer com que a criança sonhe, porque temos que resgatar essa coisa da criança sonhar, criar, imaginar”.

Com o vento veio a ideia.

– Vamos brincar de caçada, Luís?

– Eu não posso montar no cavalo.

- Logo você cresce e pode. Você fica sentadinho aí e vai aprendendo como é.

*De repente Minguinho virou o mais lindo cavalo do mundo;
o vento aumentou mais, e o capinzal meio ralo do valão se transformou numa planície imensa e verdejante.
Minha roupa de cowboy estava ajazada de ouro.
Relampejava em meu peito a estrela de sheriff.*

Meu Pé de Laranja Lima, pág. 101.

Encontrando desafios, mas plantando resultados

A trajetória de Zezé, comovente pela simplicidade, marcante pela ironia e triste pela dor e perdas retratadas, não foi digerida de forma imediata pelos alunos, entre outros motivos, pela aparente distância entre a narrativa bucólica de um bairro ainda intocado pelos impactos da modernidade e a realidade atual de Bangu, onde a violência, por exemplo, é um grande problema, tanto em virtude do poder paralelo de milícias e traficantes, como dentro dos lares dos jovens.

A expectativa da diretora Angela Ferreira, de ajudar as crianças a sonhar e criar, encontra na vida real um grande obstáculo.

Mas o Bairro Educador chegou às escolas municipais precisamente para oferecer uma alternativa a esta cultura de violência e aridez que permeou a vida e as instituições nas comunidades do Rio de Janeiro. Chegou para mostrar que a escola e a cidade podem ter uma dimensão muito maior na vida de cada um se for lançado sobre elas um novo olhar. O olhar da positividade.



E é com esse olhar muito atento às características de cada escola e comunidade que o CIEDS propõe ações diferenciadas, construídas em estreita parceria com a equipe de diretores e professores. Lançando mão de novas formas de aprender e entrar em contato com o conhecimento, as ações no âmbito do Bairro Educador, como o Projeto Pequenos Repórteres, deve iniciar um processo de mudanças na percepção dos alunos sobre sua vida, seu bairro, sua cidade. É um movimento que renova valores, recriando as relações não apenas dentro da comunidade escolar, mas também do indivíduo – alunos, professores, pais, parceiros – com a cidade, seus bens, símbolos e possibilidades.

Um exame mais aprofundado dos resultados do Projeto Pequenos Repórteres revela a mescla de turbulentas emoções e pequenas conquistas comuns aos personagens do livro *Meu Pé de Laranja Lima* e aos estudantes-leitores. O amadurecimento desses estudantes foi, em si mesmo, sinônimo de aprendizado e descoberta, numa prática que valorizou a inovação e a transparência dentro e fora da sala de aula.

(...) ela não sabia da revolução que se realizava dentro de mim. O que eu tinha resolvido. Iria mudar de filmes. Nada mais de filmes de cowboy, nem índio nem nada. Eu de agora em diante só veria filmes de amor, como os grandes chamavam. Filme que tivesse muito beijo, muito abraço e que todo mundo se gostasse.

Meu Pé de Laranja Lima, pg. 140.

O bairro de Bangu não será o mesmo para cada um dos Pequenos Repórteres do *Meu Pé de Laranja Lima*. E o tempo dirá quais árvores brotarão das sementes lançadas.

Abrangência Geográfica:

CIEP Olof Palme, Bangu, Rio de Janeiro

Participantes:

Estudantes do CIEP Olof Palme

Período de realização:

De agosto a dezembro de 2011

Financiador:

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

CENAFOCO

Mobilização para transformação

O CENAFOCO (Centro Nacional de Formação Comunitária) nasceu, em 2000, no âmbito do Plano Nacional de Segurança Pública, lançado pelo Ministério da Justiça, em parceria com a, então, Secretaria de Estado de Assistência Social, do Ministério da Previdência e Assistência Social.

Começou com uma pequena equipe em 14 estados e 253 municípios. Logo cresceu com a participação de centenas de pessoas entre coordenadores, assistentes e facilitadores chegando a 20 estados e 2.183 municípios com mais de 30 mil pessoas capacitadas.

Neste primeiro momento, o CENAFOCO, atendia ao Plano Nacional de Segurança Pública, em grandes cidades com alto índice de violência.

O CIEDS trabalhava no Rio de Janeiro, naquele momento, com uma metodologia inovadora de formação de empreendedores sociais, buscando consolidar e qualificar processos de organização comunitária nascidos na mobilização pré e pós abertura política.

O CIEDS e outras organizações da sociedade civil levaram à Secretaria de Estado de Assistência Social a proposta da criação de um Centro Nacional de Formação Comunitária, o CENAFOCO, como uma estratégia de agregar à política de segurança pública um viés de políticas sociais preventivas e ações comunitárias, que deveriam ser a contraface das ações policiais de enfrentamento da violência em 14 cidades brasileiras.



O Plano Nacional de Segurança foi criado em 2000 como uma resposta do governo federal aos graves problemas de violência urbana enfrentados, principalmente, pelas grandes metrópoles, como Rio e São Paulo.

Essa contraface passava, necessariamente, pelo empoderamento de moradores e lideranças que pudessem ressignificar a comunidade e seus potenciais; que pudessem assumir a tarefa de mobilizar e organizar moradores e instituições locais no sentido de iniciar e dirigir um processo sustentável de mudança. A experiência do CIEDS apontava que esse era um caminho eficaz.

O carro-chefe do CENAFOCO era a qualificação de lideranças comunitárias – atores sociais que desempenhavam um papel fundamental no seu espaço sociopolítico, mas que claramente precisavam de mais informação sobre segurança pública e formação específica em gestão comunitária.

Mesmo com uma posição diferenciada dentro da comunidade, com maior participação e compromisso social, o diagnóstico feito pelo CIEDS mostrava que as lideranças apresentavam dificuldades de identificar quais eram os maiores problemas locais; de planejar estratégias de ação; de captar recursos e de executar projetos.

O curso de Empreendedor Social foi construído como uma resposta a essas lacunas, promovendo uma formação específica para elaboração de projetos sociais que contribuíssem para melhorar a qualidade de vida de suas próprias comunidades.

O objetivo do processo que o CENAFOCO iniciava era empoderar os grupos comunitários para torná-los protagonistas das mudanças de suas vidas e comunidades de uma forma mais articulada e sustentável. Um processo que convocava a todos para o movimento de mudança adequado às realidades locais, que ampliasse a capacidade e fortalecesse o capital social local.

O CIEDS consolidou com o CENAFOCO, em 2000 e 2001, uma metodologia que se atualiza permanentemente, instaurando novas dinâmicas e formas de interlocução.

Essa atualização mantém parâmetros para garantir resultados, mas aperfeiçoa e compatibiliza técnicas a cada realidade. É a essência do método participativo em que o CIEDS acredita e investe.

Em busca da realidade local – descentralização

O CENAFOCO trabalhou com uma dinâmica totalmente descentralizada, com um Núcleo Central funcionando no Rio de Janeiro e diversas unidades operacionais espalhadas pelo país. Esse Núcleo, alimentado pelas unidades operacionais, definia os conteúdos, a metodologia e produzia o material didático a ser utilizado nos cursos.

Num segundo momento, por sua comprovada eficácia na formação de empreendedores sociais, nas áreas envolvidas diretamente no Plano Nacional de Segurança, o CENAFOCO foi utilizado também como uma ação estratégica para a implantação do Projeto Alvorada, em todo o Brasil. O Alvorada, também coordenado pela SEAS, levava ações, programas e projetos sociais de infraestrutura para as cidades brasileiras com mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano, IDH. O Projeto reuniu diversos ministérios com o objetivo de mudar os índices daqueles municípios, onde a pobreza e a extrema pobreza tornavam a vida quase impossível.

E a estratégia e a metodologia do CENAFOCO mostraram-se, mais uma vez, eficazes.

O CIEDS assumiu, então, a tarefa de assessorar o governo federal no planejamento e implantação da gestão nacional do CENAFOCO, e ministrar os cursos de empreendedores sociais, por meio da constituição do Núcleo Técnico Pedagógico no Rio de Janeiro.

O Núcleo ficou responsável por todas as atividades gerenciais e articulou parcerias com instituições da sociedade civil para a implementação das Unidades Operacionais locais em todos os estados da Federação envolvidos no Plano Nacional de Segurança Pública e agora também no Projeto Alvorada.

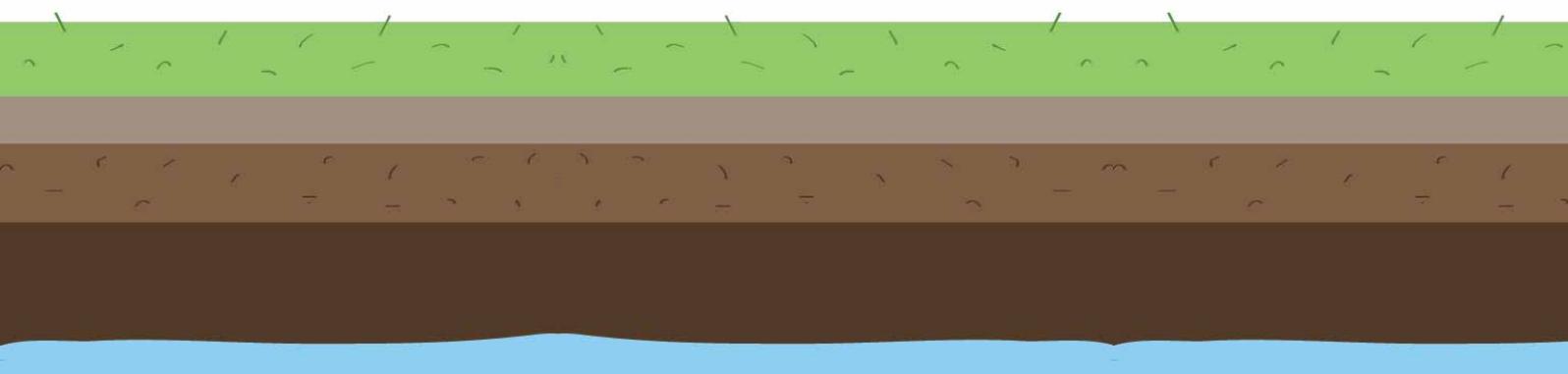
Neste campo de atuação mais amplo, o CIEDS testava e ajustava uma metodologia para qualificação e organização de agentes sociais e na consecução de mudanças reais que, até hoje, prova ser eficaz.

Na segunda etapa, quando o CENAFOCO integra o Projeto Alvorada, o CIEDS fica responsável diretamente também pela coordenação de Unidades Operacionais no Rio de Janeiro.

Empreendedores Sociais – conhecimento, informação e técnica

Os cursos para os empreendedores foram elaborados a partir dos diagnósticos das maiores dificuldades das lideranças que atuavam em diferentes comunidades naquele momento.

Com quatro meses de duração, ofereciam 128 horas em sala de aula e outras 200 horas divididas entre orientação comunitária, aulas e atividades extra-curriculares. Os cursos, com metodologia construída passo a passo pelo CIEDS, se dividia em quatro módulos: Conhecer, Aduar, Plantar e Criar Raízes.



O primeiro Módulo, Conhecer, previa o reconhecimento da situação local, do papel dos atores sociais. Quem é o agente social e como ele pode dialogar com o poder público e outras instituições para promover mudanças em sua comunidade.

A seguir, o Módulo Adubar discutia com o grupo a importância de buscar informações e conhecimentos que indicassem a direção a seguir para que o trabalho na comunidade pudesse acontecer: identificar quais as políticas públicas disponíveis e quem as executava dentro da realidade das comunidades; quais as ações e serviços poderiam ser implementados para promover mudanças efetivas; como envolver moradores e instituições locais nesse processo.

O CIEDS, desde então, apontava a importância de ampliar o leque de interlocutores entre ONGs, lideranças, moradores. Todos os atores locais deveriam ser convidados a participar.

O terceiro módulo definia formas de Plantar. Com o cardápio de informações pronto, com a listagem de serviços e políticas públicas disponíveis, que também identificava parceiros potenciais e oportunidades, o empreendedor social em formação estava diante de um desafio. Era preciso construir uma resposta técnica aos problemas locais que foram identificados.

Com um roteiro básico e formação teórica e prática, o empreendedor formulava o projeto social para ser implantado. Mas como tornar esse projeto realidade?

Chegava a hora de repassar para os empreendedores as ações que constituem “o pulo do gato” na área social. O Quarto Módulo, Criar Raízes, investigava as possibilidades de parcerias estratégicas, as oportunidades de captação de recursos, indicando a necessidade de envolver a comunidade, a iniciativa privada, o poder público e outras instituições, como igrejas e clubes.

O CENAFOCO oferecia também uma série de conteúdos avaliados como fundamentais para a consolidação do papel dos empreendedores e para

a sustentabilidade do desenvolvimento social e comunitário. Em oficinas específicas, com carga horária de 40 horas, o CIEDS oferecia formação em Gestão Social, Meio Ambiente, Direitos Humanos, Violência, Voluntariado e Habilidades Interpessoais.

Um marco na trajetória do CIEDS e um caminho para a ação social

A formulação da metodologia do CENAFOCO e a possibilidade ímpar de testar essa metodologia em diferentes contextos sociais e econômicos, a nível nacional, constituíram um marco na história do CIEDS. O CIEDS construiu uma rede de parceiros comunitários que, 13 anos depois da experiência do CENAFOCO, continua interagindo com a instituição em diferentes espaços e fóruns.

Uma experiência que está no DNA da instituição que cresceu com o método participativo inoculado em suas práticas. E esse é um diferencial que se expressa no planejamento das ações, na execução dos projetos e na própria constituição da equipe do CIEDS.

Participação e diálogo, investimento e parceria são mais do que estratégias ou parâmetros para a atuação. São a alma do CIEDS, formatam seu rosto e caráter.

Abrangência Geográfica:

Todo o Brasil

Participantes:

Lideranças comunitárias atuantes em entidades legalizadas; pessoas residentes nas comunidades com potencial de liderança (novo líder); grupos organizados que atuam em comunidades (empreendedores sociais); profissionais e pesquisadores de questões comunitárias, ligados a órgãos de pesquisa e à Universidade; organizações da sociedade civil que atuam no desenvolvimento comunitário e empresas que adotam princípios da responsabilidade social.

Período de realização:

1ª FASE: outubro de 2000 a abril de 2001

2ª FASE: junho a dezembro de 2001

Financiador:

Secretaria de Estado de Assistência Social,
Governo Federal



Colorindo Minha Cidade

A arte traduz um novo olhar

*Arte e educação nos ajudam a usar a imaginação.
Cultura ensina a ser cidadão.*

*A semente foi plantada, destacando o que é belo pra si
e ampliando esse olhar para os outros.*

*Isabel Maria dos Santos,
Coordenadora do Colorindo Minha Cidade II*

O Projeto Colorindo Minha Cidade faz mágica: descortina as paisagens da cidade e forma pequenos artistas – os estudantes da rede pública de ensino fundamental II (5º a 8º anos). Eles saem da escola para conhecer ou reconhecer o lugar onde vivem. É uma aula fora das salas, um jeito novo e muito divertido de se apropriar da cidade.

Com foco na formação de cidadãos comprometidos com seu lugar de moradia, por meio da valorização do patrimônio público, histórico e cultural, e, principalmente, com o desenvolvimento de uma nova forma de expressar a visão e as reflexões sobre o que é visto, o Colorindo Minha Cidade marca a vida de alunos e professores das escolas das redes públicas de todas as cidades por que passa.

Paisagens, pontos turísticos, prédios, igrejas, pontes, coisas belas e lugares que encantam os olhos são visitados. Mais tarde, de volta à escola e em oficinas artísticas, os alunos entram em contato com técnicas e a história das artes visuais para pintar, desenhar, fazer colagens, criando suas pequenas obras de arte, que expressam de maneira absolutamente livre a sua visão sobre a cidade.

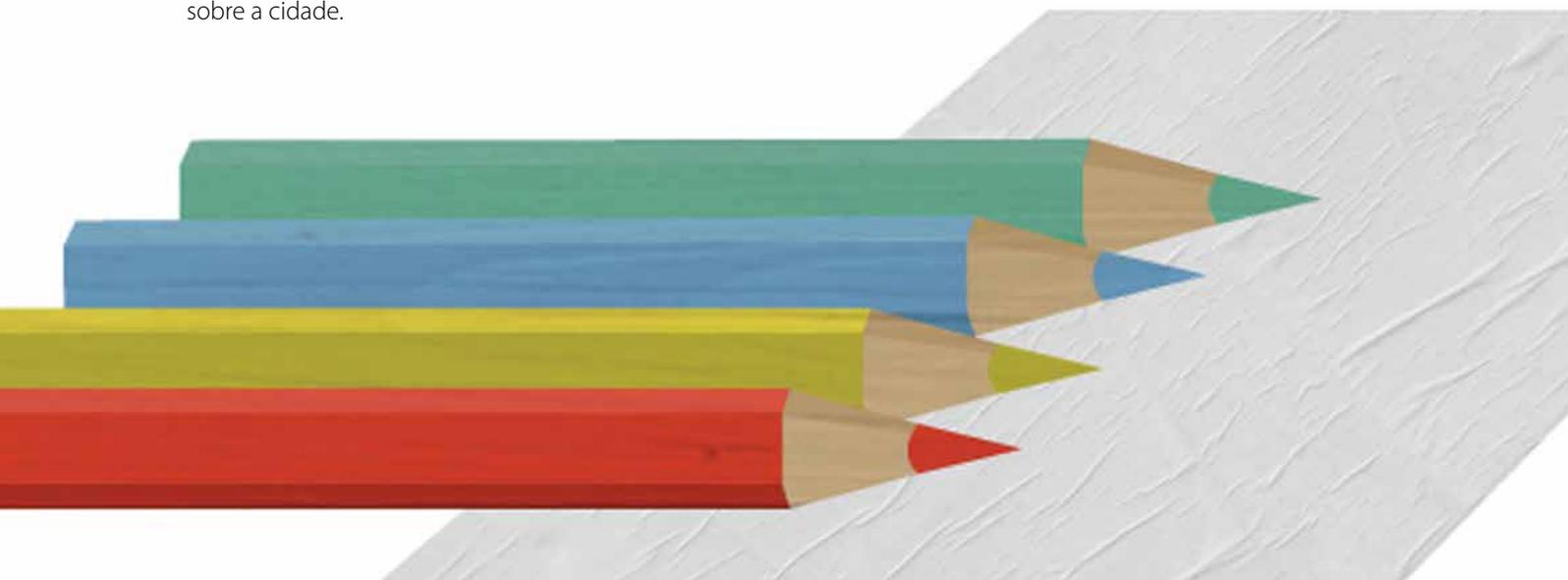
O Colorindo Minha Cidade deixa como legado do processo vivido ao longo de um ano um kit com uma seleção de cartões postais feitos pelos alunos, com representações de suas cidades.

As escolas olham para fora com novos olhos

O Colorindo Minha Cidade já espalhou suas tintas por diversas regiões do Estado de São Paulo, por meio de inúmeras parcerias em diferentes edições.

Estudantes de 10 a 15 anos se dedicaram a olhar sua cidade com mais atenção, e recriá-la com uma paleta de cores.

O Colorindo Minha Cidade tem um passo a passo que garante o sucesso do seu processo de implantação e desenvolvimento. O objetivo é garantir a adesão das escolas e o comprometimento dos professores, diretores, arte-educadores e alunos com o projeto. O projeto está integrado com a dinâmica escolar, somando forças para melhorar o desempenho dos alunos.



Como chegam as cores, tintas, artistas:

1. Definição das regiões e seleção de escolas a serem contempladas pelo projeto;
2. Seleção, contratação e capacitação de profissionais para atuarem nos municípios;
3. Divulgação do projeto nas escolas para os alunos;
4. Monitoramento e avaliação do processo;
5. Registros de imagens do projeto (vídeo-documentário);
6. Realização das oficinas;
7. Seleção dos melhores desenhos e evento de premiação;
8. Produção do kit com dez cartões postais.

Surpresas por todos os lados

O Colorindo Minha Cidade inova ao estimular o potencial artístico dos alunos e levá-los para fora da escola, num exercício que requer mais do que simplesmente conhecer um ponto turístico, um patrimônio arquitetônico ou uma paisagem, mas que estimule cada aluno a reinventar a cidade a seu modo. Os profissionais de arte-educação trabalharam para que os estudantes olhassem, refletissem e analisassem

o horizonte ou a arquitetura que estava ali na frente. Muitos desses adolescentes, nascidos naquelas cidades, não conheciam os locais visitados. Outros até conheciam, mas agora, com novos conhecimentos, construíram uma visão diferente, revendo o “objeto” com uma percepção mais atenta, identificando elementos de cor, estilo e poesia, detalhes simbólicos que foram usados em suas próprias leituras e representações sobre aquela realidade.

Um aluno das oficinas responde porque gosta do projeto e faz, sem querer, uma bela reflexão sobre o potencial da arte-educação: “(...) a gente aprende muita coisa aqui. Porque a gente não aprende só o que a gente quer aprender; a gente aprende até o que a gente não quer aprender”. E sorri, satisfeito com a sua descoberta.

A equipe técnica do CIEDS considera o Colorindo Minha Cidade um tesouro. Em todas as suas edições, nas várias regiões onde foi aplicado e em diferentes realidades sociais, o projeto mostrou que a possibilidade de expressar suas vivências, percepções e sentimentos de forma lúdica e diferenciada é uma experiência que pode definir um marco na formação dos estudantes. Instrumentalizados, podem atuar para desenvolver uma visão crítica de seu mundo e podem se comprometer com a cidade. Cidadãos, enfim.

O Colorindo Minha Cidade é uma semente, um incentivo para continuar a desenvolver a sua arte, o seu olhar, e trazer para esse mundo o colorido que ele está precisando.

Elizabeth Alvarenga, Diretora Regional do CIEDS

O resultado deste trabalho de imersão no ambiente e na vida da cidade chega ao público como um kit de cartões postais, produzidos a partir dos desenhos feitos nas oficinas.

A seleção dos trabalhos se divide em dois momentos. No primeiro, os próprios alunos fazem uma pré-seleção das obras que acham mais interessantes. Depois, os trabalhos são avaliados por uma comissão julgadora composta por cinco pessoas.

Os trabalhos selecionados são reproduzidos e impressos no formato de cartão-postal e embalados em numa caixa que reúne a coleção. O kit não apenas é um meio de divulgação do projeto, mas é, principalmente, um retorno para os alunos de seu trabalho, sua arte valorizada numa apresentação bem cuidada e bela.

Os municípios envolvidos no projeto trocam kits e divulgam entre si suas riquezas culturais e naturais, seu patrimônio histórico e, também, os novos artistas que surgem na região: os pequenos cidadãos que deixam suas terras mais coloridas e enfeitadas pelo seu olhar.

Primeira Edição

Abrangência Geográfica:

Ferraz de Vasconcelos, Poá, Itaquaquecetuba, Suzano, Mogi das Cruzes, Biritiba Mirim, Salesópolis, Guararema, Santos, São Vicente, Guarujá, Praia Grande e Cubatão.

Participantes:

Estudantes da rede pública de ensino fundamental II - 5º a 8º anos – dos municípios participantes

Período de realização:

Novembro de 2007 a agosto de 2008

Financiador:

EDP Bandeirante Energia S.A., Cia Siderúrgica Paulista - Cosipa S.A. e Usiminas – Usinas Sid. de Minas Gerais S.A.

Segunda Edição

Abrangência Geográfica:

Municípios de Francisco Morato, Caieiras, Franco da Rocha, Tuiuti, Vargem, Pedra Bela e Pinhalzinho

Participantes:

Estudantes da rede pública de ensino fundamental II - 5º a 8º anos – dos municípios participantes

Período de realização:

Agosto de 2009 a agosto de 2010

Financiador:

Empresa Elétrica Bragantina S.A e Elektro Eletricidade e Serviços S.A.



Terceira Edição

Abrangência Geográfica:

Municípios de Aparecida, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Suzano e São José dos Campos

Participantes:

Estudantes da rede pública de ensino fundamental II - 5º a 8º anos – dos municípios participantes

Período de realização:

Janeiro de 2012 a dezembro de 2012

Financiador:

EDP Bandeirante Energia S.A. e Precon Goiás – Empresa do Grupo Eternit S.A.



Desenvolvimento de Pequenos Produtores Orientados para o Mercado no Vale do Zambeze

Adequação à realidade local: o caminho e o segredo

O CIEDS atravessou o Atlântico e levou para Moçambique, África, suas experiências e metodologias de trabalho com organizações e lideranças comunitárias. Adentrou o país e se estabeleceu no Vale do Zambeze para trabalhar com 216 Organizações Comunitárias de Base, OCBs, em Mutarara, província do Tete, e Morumbala, na Província do Zambézia.

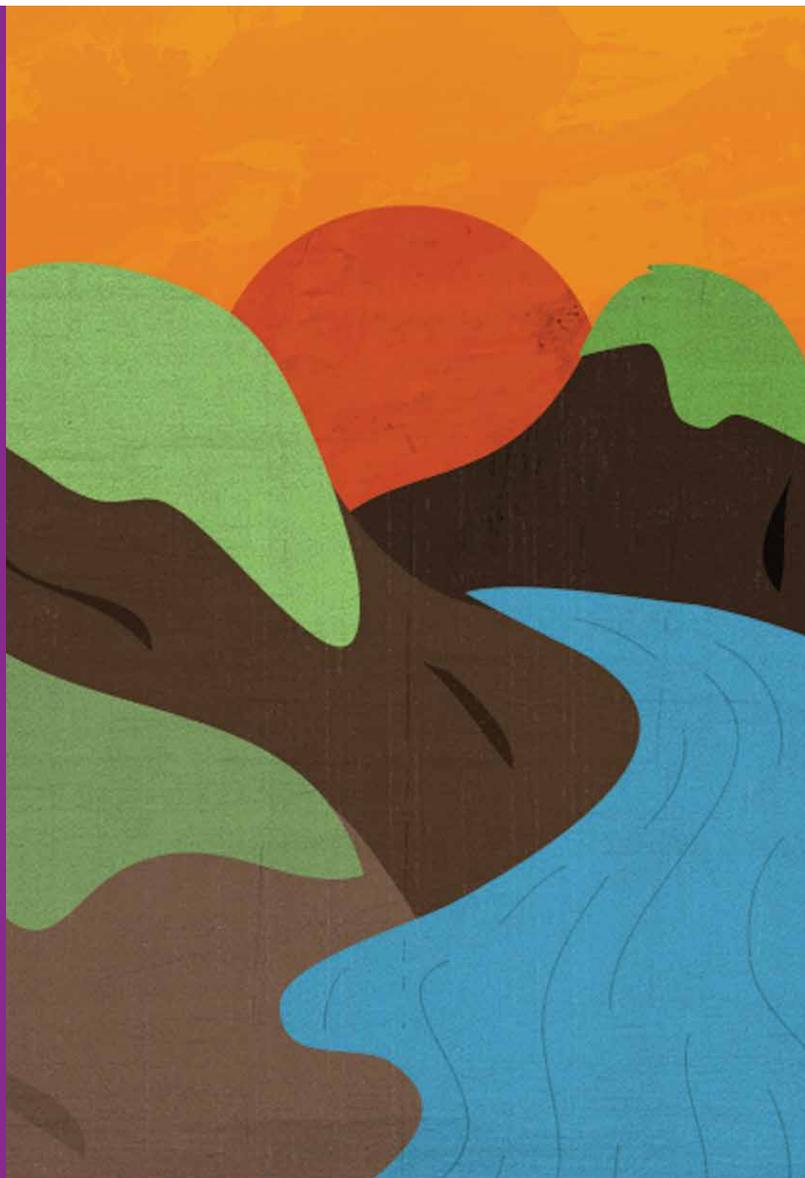
Na mala, a disposição de entender, ver e ouvir o que dizia aquela nova realidade.

O CIEDS foi convidado para integrar o consórcio por sua expertise em organização comunitária, desenvolvimento local e capacitação para o empreendedorismo.

Vale do Zambeze

O Vale do Zambeze ocupa uma área de 225.000 Km², com uma população de mais de 3,7 milhões de habitantes. Na África Austral, o Vale tem as maiores reservas de água e energia renovável do subcontinente. É também a maior reserva de carvão de coque de alta qualidade e a área com o melhor potencial de produção agrária, pela extensão de boas terras e pela disponibilidade hídrica. É destaque na produção de arroz, milho, trigo, e ainda tabaco, algodão e cana-de-açúcar.

O plano governamental de desenvolvimento da região foi executado por organizações do Terceiro Setor e da iniciativa privada, integradas no Consórcio FW, formado pela Agência Mandalla de Desenvolvimento Holístico Sistêmico Ambiental, Assessoria e Consultoria de Marketing Ltda., AGLG, e o COOFAMOSA, Committee for the Facilitation of Agriculture between Mozambique and South África, sob a coordenação da RHS Licitações.



Diálogo aberto dentro da realidade local

Os grandes objetivos do trabalho desenvolvido pelo CIEDS, na composição do consórcio FW, foram dinamizar OCBs, incluindo as lideranças comunitárias, e capacitá-las para planejar e implementar projetos que ampliassem sua participação no mercado. A meta era alcançar novos níveis de produtividade e organização que se tornassem fatores de desenvolvimento capazes de responder aos interesses da região e das comunidades locais.

O CIEDS ficou responsável pelo treinamento, capacitação e assessoria aos pequenos produtores agrícolas para que pudessem qualificar suas formas de associação e

organização para o trabalho. O resultado deveria ser um aumento significativo de seu potencial de produção e também a melhoria da sua forma de inserção na cadeia produtiva. O tipo de trabalho no qual o CIEDS tem larga experiência.

Mas a realidade moçambicana fazia com que as lideranças comunitárias tivessem outras demandas e necessidades diferentes do que é vivenciado no Brasil, principalmente nas grandes metrópoles.

“As demandas das lideranças comunitárias são completamente diferentes em Moçambique, na região do Vale do Zambeze. Lá, ainda buscam construir escolas, ter acesso a materiais escolares, ter saneamento básico, transportes públicos. Aqui as lideranças já buscam garantir a qualidade desses serviços.

Em Moçambique houve um forte traço de ajuda humanitária no trabalho, com a criação das bases para implantação de ações comunitárias que realmente atendessem à comunidade. Coisas como organizar ideias e esforços, construindo um projeto comum.”

Aldeli Carmo, coordenadora do Projeto

São realidades com tempos e dinâmicas próprios. E no Vale do Zambeze, o CIEDS se deparou mais uma vez com um quadro que exigiu planejamento estratégico e criatividade na busca de soluções para as questões que apareciam ao longo da implementação do projeto.

O trabalho se desdobrava em diferentes ações identificadas como pré-requisitos para o processo de capacitação e organização dos produtores.



O CIEDS acredita em diferenciais que garantem o sucesso na execução de um projeto – flexibilidade e competência para identificar lacunas, preenchê-las e garantir os resultados.

“No dia seguinte da reunião, mais de 50 OCBs estavam iniciando a limpeza dos locais, a busca de madeiras para levantar as paredes, o capim para fazer o teto e o barro que formaria a massa das paredes das palhotas. Um movimento integrado, articulado e motivado para que homens e mulheres pudessem usufruir daquele espaço com o mesmo propósito - aprender a ler e a escrever para saber gerir melhor as suas machambas [lavoura].”

Aldeli Carmo

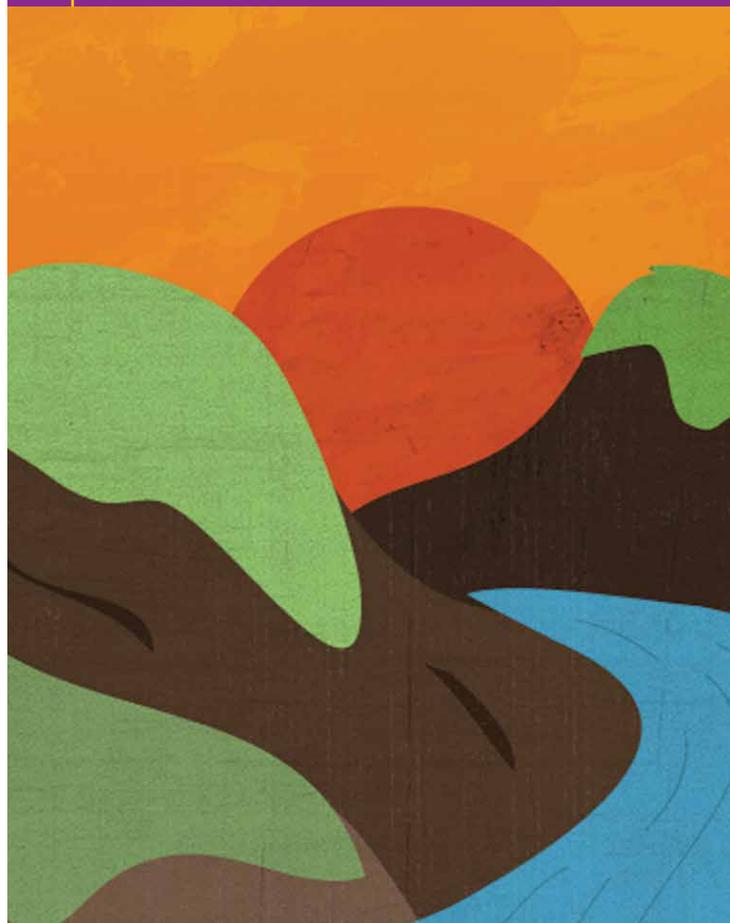
O projeto já previa o desenvolvimento de um programa de alfabetização que deveria atingir o maior número possível de OCBs. O alto índice de analfabetismo e a baixíssima escolaridade dos produtores locais determinavam muitas dificuldades na gestão das organizações. O desafio era envolver as OCBs no movimento imprescindível de alfabetização que garantisse o envolvimento da maioria dos agricultores.

Para interessar os agricultores e otimizar a experiência nas salas de aula, o CIEDS adaptou o programa de alfabetização do governo ao contexto das OCBs. Incluiu conteúdos relativos à agricultura e à realidade da produção dos distritos de Morrumbala e Mutarara. O programa foi construído, em conjunto, pelos Diretores da Educação, pelos coordenadores dos programas nos distritos e pelo Técnico em Alfabetização de Adultos, contratado pelo projeto.

Aldeli Carmo, coordenadora do projeto em Moçambique, lembra que o processo de implantação do programa de alfabetização de adultos foi uma das fases mais ricas da experiência no Vale. Na reunião em que foram convidados a participar e a disponibilizar espaços para a implantação das salas de aula, os representantes das OCBs deram uma resposta unânime: “Estamos juntos”. E realmente se engajaram de imediato no programa.

Experiência do CIEDS

Em 2000, o CIEDS implantou e gerenciou, na Cidade do Rio de Janeiro, 89 salas de Ensino Fundamental e Médio, num programa de aumento de escolaridade que beneficiou 2500 alunos.



O lugar das mulheres

No contexto das relações entre os produtores integrantes das OCBs, o projeto tinha o desafio de romper com uma grande desigualdade, anteriormente identificada, nas condições de participação das mulheres no grupo. E, no entanto, o papel das mulheres na economia local é fundamental.

O CIEDS trabalhou na sensibilização dos grupos no sentido de ampliar, e em alguns casos introduzir, a participação das mulheres em cargos de decisão nas OCBs. Foram desenvolvidas campanhas, com palestras e dinâmicas de grupo, discutindo questões de gênero, como o papel de homens e mulheres na família e na vida associativa e comunitária.

“Não é fácil ser mulher em Moçambique”

As mulheres moçambicanas, especialmente na área rural, têm condições de vida bastante difíceis.

A taxa de fecundidade é alta, com tendência a aumentar. Na área rural, a mulher tem em média sete filhos; duas em cada 10 casaram-se antes dos 15 anos e mais da metade delas nunca foi à escola.

Na Província do Zambézia, em cada 10 partos, menos de três são assistidos por profissionais de saúde. O uso de contraceptivos é muito baixo no país. Na área rural apenas uma mulher, num grupo de 10, usa contraceptivos modernos. As mulheres são também as mais infectadas pelo vírus HIV.

www.wlsa.org.mz

Em uma conversa numa cooperativa de produção de arroz sobre o trabalho das mulheres, uma delas faz a seguinte comparação entre a mulher e a terra: “Nós trabalhamos na machamba porque os homens não sabem fazer igual ao jeito que as mulheres fazem. Nós sabemos o que é dar fruto e cuidar, eles não sabem, não pensam, nem imaginam a importância que tem gerar, isso só a mulher e a terra sabem o que é”.

As mulheres sabem de sua importância no processo de trabalho e valorizam seus saberes. Mas não tinham poder de decisão. Era preciso legitimar a participação igualitária no grupo. E isso exige reflexão, diálogo e mudança.

Formação e conhecimento para negociar

Na África, o CIEDS investiu na criação de uma cultura local de solidariedade que é absolutamente fundamental para o desenvolvimento da região e das comunidades. Foram criadas Redes Solidárias de Aprendizagem e Negócios. A estratégia adotada pelo CIEDS foi prestar assessoria técnica às Uniões Distritais de Camponeses para criação dos núcleos locais de produtores rurais e para que eles assumissem um lugar privilegiado nas chamadas Uniões de Zona, UZ.

Cursos ministrados para as Organizações Comunitárias de Base:

- Nossas Machambas são um negócio?
- Plano de Produção Agrícola
- Contabilidade Simplificada
- Associativismo
- Liderança
- Planejamento e Gestão

As Redes Solidárias de Aprendizagens e Negócios, por seu potencial de fortalecimento dos produtores, conseguiram mudar a relação de compra e venda entre o governo, os comerciantes e as OCBs. A implantação das Redes foi a culminância de todo o processo de aprendizagem desencadeado pelo projeto.

As Uniões de Zonas, fortalecidas pela presença de representantes das OCBs, dispensavam a intermediação dos comerciantes e do governo. Os produtores negociavam tendo clareza do seu lugar e importância na cadeia produtiva e com uma capacidade de argumentação baseada no plano de produção elaborado nas OCBs. Os produtores agora sabiam o custo da produção, o tempo necessário para o trabalho, as condições de armazenamento e qual era o preço da sua “campanha” (safra).

Com propriedade desse conhecimento, a negociação mudou e o poder de barganha dos produtores aumentou.

Contar para todo mundo

Para dar visibilidade e disseminar informações, foi criado um jornal comunitário que falava sobre a trajetória das OCBs e sobre a realidade produtiva dos distritos.

O projeto de divulgação começou com um Boletim Informativo. O sucesso da ideia permitiu uma parceria com a Rede SOICO de comunicação e o Boletim se transformou em jornal, editado pelo consultor responsável pelo desenvolvimento das campanhas informativas e educativas do projeto.

Com textos escritos a várias mãos, O Kugawa, que na língua Sena significa ‘partilhar’, nasceu para divulgar as ações do projeto e funcionar como mais um canal de informação sobre os temas das campanhas – associativismo, DST/AIDS, alfabetização de adultos, gênero. E, é claro, sobre os avanços das OCBs.

Abrangência Geográfica:

Mutarara, província do Tete, e Morumbala, Província da Zambézia, Moçambique, África.

Participantes:

216 Organizações Comunitárias de Base

Período de realização:

Fevereiro de 2009 a dezembro de 2010

Financiador:

Banco Mundial

ECOIA Caravana H2O

Expertise+ know how + responsabilidade social = mudanças sustentáveis

O CIEDS, em 2011, arrumou a mala com suas ferramentas, saberes e experiências e colocou o pé na estrada na companhia de um novo parceiro. E dos grandes. Por meio do Instituto Alcoa, o CIEDS consolidou uma ótima relação de trabalho com a Alcoa Inc., *Aluminum Company of America*, a terceira maior produtora mundial de alumínio.

O Instituto Alcoa, área social da empresa, realizou, em 2011, um diagnóstico social dos 52 municípios brasileiros onde a Alcoa tem unidades de negócio e produção. O trabalho revelou demandas, necessidades e também potenciais locais, e fez com que o Instituto convidasse o CIEDS, para que, juntos, reformulassem o Programa de Apoio a Projetos Locais. Surgia aí, o Programa de Educação Comunitária Ambiental, ECOIA, o primeiro *signature program* do Instituto.

O viés do meio ambiente foi identificado como um caminho natural, e necessário, compatível com a área de negócios da Alcoa e com a realidade das comunidades onde a empresa está instalada.

Signature Program

O CIEDS formula e executa projetos e intervenções sociais junto a empresas interessadas em consolidar sua área de responsabilidade social. Os *signature programs* são desenvolvidos nas áreas de influência das unidades das empresas, atingindo diretamente as comunidades vizinhas com projetos sociais de melhoria educacionais, sociais, participação comunitária, meio ambiente, de acordo com o diagnóstico das necessidades locais. São programas formulados especificamente para essas determinadas localidades e trazem a marca da ação social da empresa.



Com abrangência nacional, o ECOA levou ações de educação e sensibilização ambiental aos municípios, distritos e comunidades circunvizinhas às unidades de produção: Poços de Caldas (MG), Barra Grande (SC), Machadinho (RS), Tubarão (SC), São Luís (MA), Juruti (PA), Estreito (MA), Serra do Facão (GO), Itapissuma (PE) e Utinga (SP).

O programa organiza, fortalece e consolida a participação comunitária para o desenvolvimento social e econômico por meio da educação ambiental. O que está em debate é a construção de sociedades sustentáveis, com de processos de educação ambiental que fortaleçam valores humanos como solidariedade, respeito à diversidade e à coletividade e que criem novos conhecimentos, habilidades e atitudes.

O Núcleo de Sustentabilidade Comunitário, implantado pelo CIEDS em dez cidades brasileiras, é o polo que concentra o programa no nível local; que gera e propõe atividades e mobiliza a comunidade; que catalisa demandas e propostas; que identifica e organiza as oportunidades .

O CIEDS percorreu estradas, ocupando praças e mobilizando gente. Mas o principal foi plantar as sementes de novas ideias.

O ECOA tem sua base formada por alguma ações fundamentais:

- A articulação e mobilização comunitária;
- a implantação do núcleo de sustentabilidade;
- a oferta de atividades educativas, culturais e esportivas;
- a constituição e capacitação do grupo de agentes ambientais;
- a realização de oficinas ambientais temáticas;
- a elaboração do plano de ação em conjunto com a comunidade;
- o fortalecimento e empoderamento da comunidade.

Na estrada da preservação ambiental

No âmbito do Programa Ecoa, o CIEDS criou o Circuito H2O, uma caravana que percorreu 14 comunidades do Maranhão, onde já estão implantados os Núcleos de Sustentabilidade Comunitários.

A Caravana Circuito H2O teve data certa para cair na estrada: a comemoração da Semana da Água e da Árvore, entre os dias 19 e 30 de março de 2012.

A Caravana chegava para fazer festa: promoveu jogos, brincadeiras, apresentações teatrais, exibição de curtas metragens e ainda as exposições "Peixe-boi", do Centro de Mamíferos Aquáticos, do Maranhão, e "Árvores", do Parque do Bom Menino. Promoveu visitas aos pontos do mapa verde, feito pelos agentes ambientais, e ao Parque Ambiental da Alumar, Consórcio de Alumínio do Maranhão, um dos maiores complexos de produção de alumínio primário e alumina do mundo.

Em comunidades que raramente recebem eventos ou ações desse tipo, a Caravana Circuito H2O conseguiu uma ampla adesão das comunidades e instituições locais e invadiu as cidades com atividades lúdicas, informativas e educativas. E tudo com uma roupagem



muito especial – para educar, informar, trocar ideias e experiências de maneira prazerosa para fazer o movimento brotar, crescer, como numa boa sementeira, numa lavoura fértil.

A Caravana junta gente, atrai o povo, segue em frente, abre o caminho

Para a realização da Caravana, o CIEDS convidou muita gente, propôs parcerias, identificou colaboradores-chaves. A partir dos Núcleos de Sustentabilidade Comunitários foram chegando as Associações e Uniãoes de Moradores, os sempre presentes Clubes de Mães, as igrejas, as escolas, o Programa PROJOVEM Adolescente, o Plan Internacional. O Instituto Chico Mendes participou e também o Parque Bom Menino, o Instituto Formação, o ECOCEMAR, a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), as Secretarias Municipais de Educação, Meio Ambiente e Saúde e, claro, o Alumar.

Uma ação que reuniu sociedade civil, iniciativa privada e poder público em torno não apenas de uma temática, mas principalmente na construção de novas práticas de participação comunitária, intervenção e interlocução.

O capital de conhecimento, experiências e práticas acumulado pelos Núcleos de Sustentabilidade teve visibilidade na realização do Circuito H2O. As práticas integradoras, as metodologias que facilitaram a construção e o fortalecimento das redes colaborativas locais e dos processos de comunicação comunitária, mostraram os seus resultados na realização das atividades, na reunião dos diversos atores, na apresentação de produtos concretos.

As visitas aos pontos com potencial turístico, identificados pelos Agentes Ambientais durante a construção do Mapa Verde de cada região; o plantio de vegetação nativa em áreas indicadas pelas comunidades, em trabalho anterior, realizado pelos Núcleos; a participação de associações e grupos locais mostraram que o objetivo de consolidar as redes colaborativas e criar uma nova cultura em relação ao meio ambiente é possível e pode gerar impactos significativos na região.

Além de tudo isso, tem uma coisa mais bonita que uma caravana do bem na estrada?

- 10 cursos de Agentes Ambientais e Formação de 10 Grupos de Agentes Ambientais
- 195 Atividades Lúdicas Educativas
- 18 eventos temáticos
- 27 oficinas temáticas
- Mais de 24.000 pessoas mobilizadas diretamente
- Rede ECOA com cerca de 140 instituições locais

Abrangência Geográfica:

Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo

Participantes:

Moradores das comunidades de baixa renda vizinhas às unidades de negócio da Alcoa

Período de realização:

agosto de 2011 a fevereiro de 2013

Financiador:

Instituto Alcoa

Educa Nilópolis

O município em busca da educação integral

O Educa Nilópolis foi executado pelo CIEDS, com financiamento da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Nilópolis, município da Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. A Secretaria investiu no fortalecimento das relações entre as unidades escolares, seus profissionais e alunos e as comunidades, os bairros e mesmo o município como um todo.

O projeto desenvolveu diversas ações para fortalecer e empoderar a comunidade escolar; estimular a participação comunitária e também articular uma rede de parceiros que pudesse contribuir de diferentes formas para a construção de uma nova identidade para as escolas do Ensino Fundamental – uma identidade positiva, que afirme o papel da Educação como protagonista na formação de crianças e de adolescentes. Esta mobilização em torno da rede de ensino buscou alcançar um caráter permanente, continuado e sempre ampliado.

O objetivo final foi incentivar a construção de um projeto de educação integral no município, melhorando as condições de aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades dos estudantes.

O projeto Educa Nilópolis esteve alinhado a uma proposta inovadora na Educação. Ele entende que a cidade, ou seja, todo o ambiente de vivência do educando deve ser e oferecer espaços de aprendizagem. O foco é envolver a cidade na escolar e a escola na cidade buscando, nesse movimento, possibilidades efetivas de aprendizagem.

O Educa Nilópolis foi um importante laboratório para essa proposta, em função das dimensões territoriais do município, pelo tamanho da rede, e pela possibilidade de envolver efetivamente os agentes externos a escola no cotidiano escolar. Assim, podemos ter várias possibilidades de integração.

*Carlos Angelo Alves Mariano, Educador do Educa Nilópolis,
Professor de Geografia e Filosofia*

Com o Educa Nilópolis, a escola reafirma seu papel institucional como polo privilegiado de cidadania e de formação do indivíduo.



As ações do Educa Nilópolis foram totalmente integradas ao universo das unidades escolares. O projeto buscou caminhos de enriquecimento mútuo entre o projeto político pedagógico das escolas e os recursos das comunidades e bairros onde elas estão inseridas. A constituição da rede de apoio e o incentivo à comunicação e relação com a comunidade conseguiu, de fato, identificar e gerar recursos que facilitaram e enriqueceram a execução do projeto pedagógico de cada escola.

As ações foram desenvolvidas pelo CIEDS por meio de Núcleos Pedagógicos Temáticos e com distintas funções: Núcleo de Articulação Local, de Ambiência Escolar, Comunicação, Contação de História e Letramento, Comunidade Escolar e Cultura de Paz, Meio Ambiente, Gestão Democrática Escolar e Protagonismo Juvenil.

Os Núcleos instalados nas unidades escolares promoveram ações, teceram as redes de apoio e integração local, identificaram necessidades e buscaram subsídios para o fortalecimento do projeto político pedagógico.

Números

- 12 núcleos desenvolvidos
- 22 escolas municipais atendidas
- 3.297 estudantes participantes
- 1.557 atividades educativas desenvolvidas

Nos Núcleos Pedagógicos Temáticos surgiam as ideias e propostas de ações que contribuíam para o objetivo final do Educa Nilópolis. Estas ações reuniram elementos e geraram resultados que as tornam exemplos privilegiados de boas práticas na área Educação.

Olhares Inclusos

O Projeto Olhares Inclusos utilizou a arte-educação para enriquecer a experiência de aprendizagem de alunos com deficiência que constituem turmas especiais da rede pública de ensino de Nilópolis.

Nascido, assim, como um fruto do Educa Nilópolis, o Olhares Inclusos demonstrou a importância de identificar as possibilidades e potenciais que todos os projetos oferecem quando começam a ser executados. Todos podem gerar “frutos e filhos” para além de sua proposta inicial.



Esta é a postura do CIEDS como gestor dos processos dinâmicos e vivos que são os projetos sociais: atenção total para explorar o campo de ação, para revelar novas faces inclusivas e promotoras de mudanças. Um garimpo permanente de possibilidades.

A proposta de utilização da arte como instrumento facilitador de um ensino informal e mais lúdico, que estimule os estudantes a criar, já era utilizada no trabalho com alunos de todas as 22 escolas da rede municipal. Mas o passo diferencial, dentro do Educa Nilópolis, foi utilizar a arte especificamente em prol da Educação Especial, com 97 alunos com deficiência.

A arte como instrumento de formação

Foi através Núcleo Pedagógico de Arte e Cultura que a Escola Municipal Paul Harris, escola de referência da Educação Especial no município procurou a artista plástica Carime Mamede, que já fazia as oficinas pedagógicas com os alunos de 22 escolas de Nilópolis, utilizando a arte como ferramenta para trabalhar a cultura, a história do município, do país e dos contextos locais.

A Educação Especial requeria, também para seus alunos, a possibilidade de acessar novas dimensões do conhecimento, diferentes percepções e representações da realidade. E Carime aceitou voluntariamente o desafio de construir o Olhares Inclusos, que propunha a nova perspectiva de ensino-aprendizagem para os estudantes da Educação Especial do turno vespertino, onde estão os alunos mais velhos e com diferentes tipos de deficiência.

Durante três dias na semana, em horários complementares ao turno escolar, os estudantes tiveram uma programação especial: encontros com artistas como Monet, Van Gogh, Degas, Tarsila do Amaral. A artista e professora abria, a cada fim de tarde, novas janelas para que os alunos pudessem

redirecionar seu olhar sobre cores, luzes e sombras. Na medida da capacidade desse novo grupo, ela estudava, analisava a representação da realidade e de ideias que o artista escolheu fazer sobre a tela branca. E o alunos com deficiência embarcaram na viagem com a artista, usando lápis e tintas para fazerem suas obras.

A arte-educação tem o poder de transformar a visão do estudante, mostrar que há diversas maneiras de enxergar e expressar o mundo, a realidade exterior e interior. O Projeto Olhares Inclusos levou essa experiência para estudantes que tantas vezes são considerados “diferentes” e vivenciam, eles mesmos, olhares muito próprios sobre a realidade, na sua perspectiva e tempo particulares de estar no mundo. E eles tiveram a possibilidade de se expressar.

Arte pra quê?

diferencial de trabalhar com PCDs

“A arte, além de ser um caminho para o estudante expressar sentimentos, desenvolve a mente para outras áreas, contribuindo para o autoconhecimento e descoberta de novas habilidades”.

Carime Mamede

A arte explica e recria a vida, ressignifica paisagens, abre reflexões e liberta sentimentos. O Olhares Inclusos utilizou a arte para ampliar os canais de comunicação e expressão dos alunos com deficiência, contribuindo, por meio de novas práticas, para sua inclusão na vida escolar e na comunidade.

Quem sabe ali, naquela turma diferenciada, more o coração e a mente de um grande artista?

De qualquer modo, todos eles, tiveram uma cor a acrescentar à sua escola e a seu mundo. Um largo passo para a inclusão.

A festa do Olhares Inclusos ficou por conta da exposição de mais de 90 quadros produzidos nas oficinas e visitada não só pela comunidade escolar, mas por muitos parceiros e moradores de Nilópolis.

A cereja do bolo do Projeto Olhares Inclusos chegou para os alunos com deficiência na forma de telas, tintas, cores e possibilidades sem fim de criar suas próprias representações; transformar ideias e sentimentos em imagens coloridas.

Abrangência geográfica:

Escola Municipal Paul Harris, em Nilópolis

Participantes:

Alunos com deficiência

Período de realização:

Abril a dezembro de 2012

Financiador:

Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura de Nilópolis



Programa de Educomunicadores

O Educomunicadores foi uma ação proposta pelo Núcleo Pedagógico de Comunicação do Educa Nilópolis.

Educomunicação: novos olhares e novas falas

O CIEDS vem aplicando, na área de Educação, práticas educacionais em ações e atividades que interagem com os Parâmetros Curriculares Nacionais, especialmente nas áreas da linguagem e da tecnologia.

O conceito de educacomunicação se aplica à criação de grupos que instalem uma dinâmica de comunicação e abram novos espaços de interlocução dentro das unidades escolares, facilitando a troca de informação e a constituição de uma cultura de diálogo, respeito e negociação.

O papel da educacomunicação é fortalecer o indivíduo e/ou grupos no sentido de facilitar a sua apreensão da importância da comunicação e de seus conteúdos e estimular a constituição de uma visão crítica sobre o quê e como é comunicado.

A partir desse processo, a educacomunicação fornece aos estudantes o instrumental para elaborar projetos que lhes permitam criar fluxos de comunicação e também mensagens.

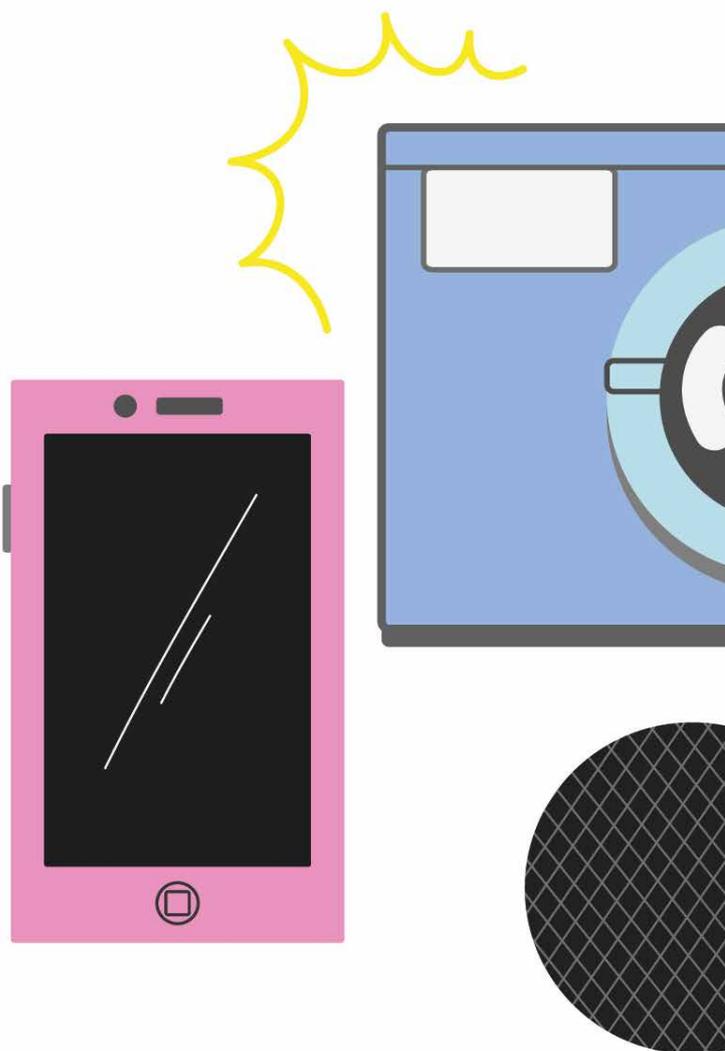
O Projeto de Educomunicação permite, enfim, a realização, nas escolas, de experimentos de comunicação que proporcionam um espaço diferenciado de interlocução entre os próprios alunos, com os professores e diretores, pais e responsáveis.

A meta final do projeto implantado no âmbito do Educa Nilópolis foi gerar informações e conteúdos que pudessem ser utilizados na formulação do Plano de Educação Integral do Município, chamado Cidade Educadora.

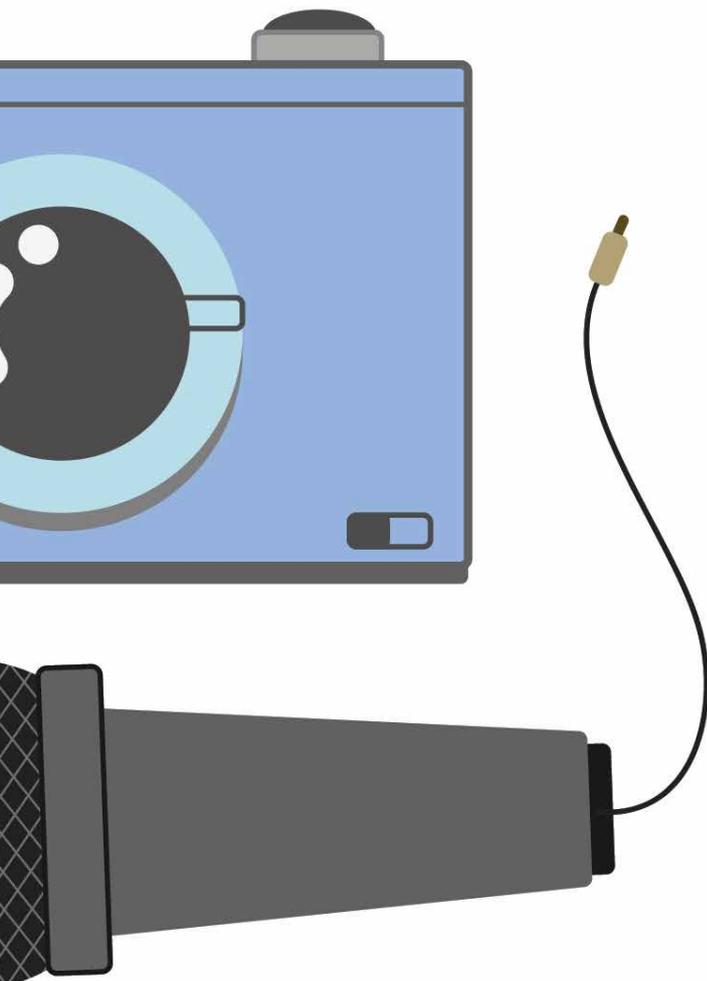
Realizado em onze escolas da rede de ensino municipal de Nilópolis, junto aos alunos do segundo segmento

do Ensino Fundamental, o projeto se constituiu num verdadeiro desafio de construção de novos modelos de relacionamento e hierarquia dentro do espaço escolar.

As práticas de educacomunicação funcionam como um processo de reflexão permanente sobre as formas de comunicar, a diversidade da linguagem, os limites e possibilidades de interlocução dentro da escola. Vale lembrar que a escola é ainda uma instituição que pressupõe uma relação muitas vezes desigual – quem ensina e quem precisa aprender.



Dar voz e veículos de expressão aos alunos requer um exercício democrático de escuta, respeito, definição de espaços. Esse talvez seja o ponto mais rico do projeto.



A qualidade do projeto é garantida por meio da qualificação dos educadores, que passam por dois momentos de capacitação. Na primeira etapa, organizada em módulos, trabalhou-se com os alunos os conceitos de linguagem e comunicação e foi feita uma revisão crítica de todos os meios de comunicação que os alunos conheciam. O produto dessas primeiras capacitações foi a criação de um Plano de Comunicação Escolar, a ser executado pelos alunos.

A segunda etapa levou os alunos a conhecer o trabalho de jornalistas locais e estabelecer parcerias para a produção de veículos de comunicação. A utilização das redes sociais e da internet foi também foco do trabalho.

A existência das redes sociais disponibiliza, hoje, um espaço livre de expressão individual e coletiva e pode constituir-se num instrumento muito positivo para a formação de crianças e adolescentes. O Educomunicadores entrou nas escolas como uma ação absolutamente oportuna e necessária para garantir a utilização desses espaços de comunicação virtual de forma mais qualificada e produtiva.

O Educomunicadores abriu para os adolescentes um novo patamar de acesso e ocupação das redes sociais e da internet.

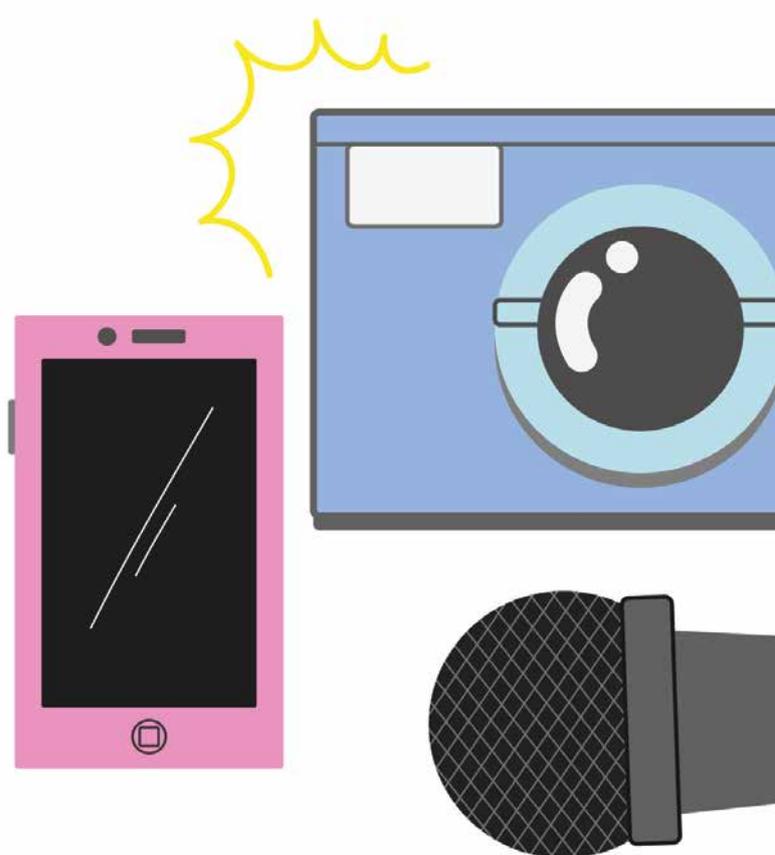
O projeto considerou o importante papel das redes no processo de socialização, produção e disponibilização de conhecimento e discutiu isso com os alunos. Principalmente para segmentos de mais baixa renda, com acessos restritos a bens culturais, a internet constitui um acervo infinito de saberes, quando bem utilizada.

Uma câmera na mão...

A ONG Bem TV, com longa experiência no desenvolvimento de processos pedagógicos que usam a comunicação como metodologia, foi contratada para a área áudio-visual do Educomunicadores.

A Bem TV promoveu oficinas de produção audiovisual, ensinando a escrever roteiros, gravar vídeos e editar imagens. As escolas se transformaram num universo a ser pesquisado e reconstruído a partir de sons e imagens, gerados pelos próprios estudantes. Reportagens, entrevistas e imagens/visões do universo escolar foram os resultados do trabalho que colocou uma câmera na mão dos alunos e lhes pediu ideias e leituras. E eles devolveram suas histórias, produzidas com numa ferramenta que lhes permitia diferentes recortes da realidade, sob novas perspectivas.

E esse foi um dos objetivos do Educa Nilópolis: abrir horizontes, apontar caminhos diferentes, descortinar possibilidades. E isso o CIEDS faz bem.



Resultados?

- Alunos com domínio das ferramentas das redes sociais;
- Alunos que construíram e editam blogs jornalísticos;
- Jornais murais.

Resultados qualitativos

As oficinas de educomunicação, para além de capacitar, possibilitaram, de forma efetiva, o incentivo ao protagonismo juvenil, bem como o acesso de alunos, professores e agentes educadores envolvidos a novas tecnologias eletrônicas. Isso possibilitou um fluxo informativo, por meio da criação de jornais murais, fotografias e vídeos, que facilitaram o entrosamento social e as práticas pedagógicas no ambiente escolar.

Abrangência geográfica:

Rede municipal de ensino do município de Nilópolis

Participantes:

Estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental de onze escolas

Período de realização:

Junho a dezembro de 2012

Financiador:

Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura de Nilópolis

Jovens na luta contra a AIDS

Foco na prevenção e promoção da saúde

O CIEDS foi fundado em 1998. Lá se vão quinze anos de muito trabalho, muitos enfrentamentos e uma grande evolução (revolução?) nas tecnologias e estratégias de combate à exclusão social e de promoção da inclusão, nos debates sobre sexualidade, HIV, doenças sexualmente transmissíveis. Muita coisa mudou neste contexto. Para melhor.

Mas o CIEDS permanece no front da prevenção, no contexto da garantia dos direitos sexuais e reprodutivos.

Ainda em 1998, o CIEDS promoveu o Seminário sobre Estratégias de Prevenção a DST/AIDS, na Cidade do Rio de Janeiro, e reuniu portadores do HIV, médicos, militantes, profissionais da saúde. Era um período em que a prevenção e principalmente o tratamento das pessoas vivendo com o HIV engatinhavam e muitos caminhos ainda precisavam ser abertos, revistos e reajustados. O CIEDS ajudou a construir e a consolidar estes caminhos.

Jovens como parceiros nas duas pontas: agentes e público alvo

Em 2002, o CIEDS implantava o Projeto Jovens na Luta Contra a AIDS, elegendo a juventude como protagonista no processo de mobilização da sociedade pela prevenção e pela difusão de mais informação sobre o tema. O desafio era fortalecer o protagonismo juvenil, quebrar tabus, derrubar preconceitos e criar uma cultura de prevenção fundamentada no conhecimento e na informação.

A instituição avançava, mais uma vez como um dos pioneiros do Terceiro Setor, assumindo a responsabilidade de atuar na prevenção à contaminação pelo HIV. Ainda que o sistema de saúde no Brasil apresentasse inúmeras fragilidades, o CIEDS apostava que era possível contribuir para a redução dos índices de óbitos e contaminação por DSTs e AIDS, a partir de informação qualificada e mobilização social.

O CIEDS traz no currículo a experiência exitosa de implantação de Bancos de Preservativos, em 2000, no Complexo da Maré, comunidade com mais de 130 mil moradores, na Zona Norte da Cidade do Rio; nos Morros da Formiga, também Zona Norte, Babilônia, na Zona Sul e Jardim do Amanhã, na Zona Oeste.

Nos Bancos, além da distribuição de preservativos, o CIEDS promovia oficinas e eventos, atraindo os moradores, principalmente os jovens. A experiência apontou para a importância de convocar a discussão sobre sexualidade, DSTs e AIDS como um instrumento que possibilitava efetivamente a diminuição da vulnerabilidade em diversos aspectos da vida nas comunidades atingidas pelo projeto.

O Projeto Jovens na Luta Contra a AIDS foi implantado na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro. A escolha da região como foco da ação foi feita a partir da constatação da fragilidade regional em relação a serviços sociais e fóruns de informação e debate sobre sexualidade e prevenção. Na época, segundo o Guia da Saúde da Cidade do Rio de Janeiro, de 1999, havia apenas um posto de saúde e nenhum tipo de trabalho sobre DSTs e AIDS na Área de Planejamento dos bairros de Guaratiba e Santa Cruz.

O projeto atingia especificamente os moradores dos bairros de Urucânia, Lote 14, Sepetiba, Santa Luzia, Santa Cruz e Pedra de Guaratiba.

O CIEDS optou por mobilizar jovens lideranças locais para atuarem como multiplicadores no movimento de prevenção. A ferramenta foi a informação qualificada que chegava aos moradores de forma acessível, clara e objetiva.

Definir metodologias e formas adequadas para atingir a seu público alvo é certamente um elemento determinante para o sucesso de qualquer ação. No Jovens na Luta Contra a AIDS, o CIEDS propôs gincanas que tiveram como resultado a identificação dos jovens mais aptos a integrar o projeto, oficinas de capacitação e dinâmicas em grupo que atraíam os jovens.

Os Balcões de Preservativos, já implantados, funcionaram como pontos de apoio e referência para os jovens agentes. Com um viés que apontava para a importância da construção de redes e criação de conexões entre serviços públicos, comunidades, sociedade civil e iniciativa privada, o projeto possibilitou que os jovens desenvolvessem habilidades de articulação e negociação, potencializando as ações de percepção e de educação em saúde que a área demandava.

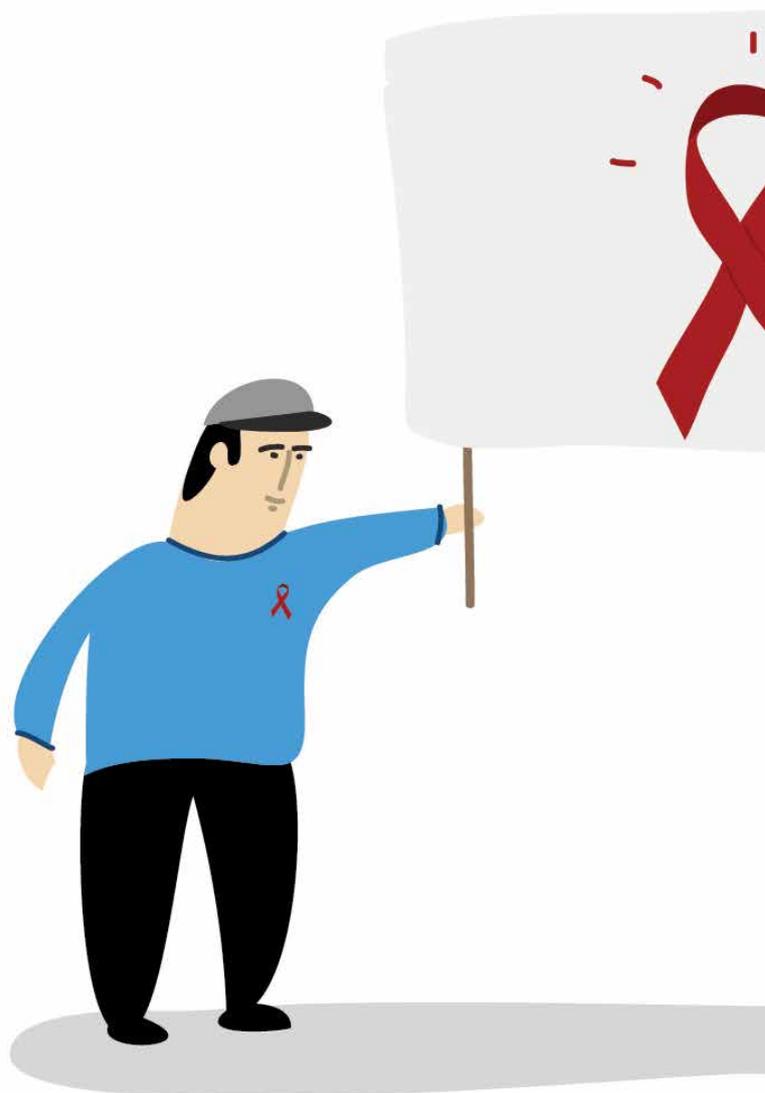
Construir, juntos, um jeito de falar sobre sexo

O CIEDS ousava, apostando no jovem como um tipo de liderança capaz de inovar, criar novas formas de comunicação e interlocução com diferentes atores. E realmente os jovens agentes foram capazes de discutir abertamente questões de sexualidade, DSTs e AIDS,

passando por métodos contraceptivos e opções de prevenção. Conseguiram também atingir diferentes grupos dentro de suas comunidades.

Desenvolvido ao longo de doze meses, o projeto ofereceu aos agentes a capacitação necessária para fomentar e apoiar iniciativas comunitárias e de outros jovens moradores. No processo de capacitação, em oficinas específicas, tiveram acesso a informações sobre prevenção das DST/AIDS, debateram conceitos e técnicas de organização comunitária e foram qualificados para estruturar os núcleos de prevenção e desenvolver atividades socioeducativas nas escolas, creches e associações existentes nos bairros e comunidades.

A equipe do CIEDS montou um sistema de acompanhamento das ações e das atividades da equipe técnica, estando presente nos núcleos de prevenção e fazendo uma supervisão mensal com todos os grupos para troca de experiência.



Oficinas de capacitação – um universo a ser explorado

As oficinas constituem a verdadeira metodologia do projeto, com suas discussões e práticas. Foram 16 momentos com discussões ou atividades específicas. Destaque para os temas diretamente relacionados as DSTs e AIDS.

Política de Saúde

Oficina de trabalho que levou à compreensão do que é a política pública de saúde, sua estruturação no âmbito municipal, estadual e federal e como a qualidade dos serviços pode afetar a vida da população. No sentido de aprofundar a compreensão sobre o tema, foi introduzido o debate sobre o papel dos conselhos de saúde e sua importância na garantia da participação da sociedade civil na construção das políticas públicas.



Corpo, sexo e sexualidade

A oficina contextualizou a sexualidade no meio social e na cultura atual, abordando mitos, tabus e princípios morais que surgem quando o tema é sexo. Um grande aporte do projeto foi discutir a sexualidade associada à expressão e vivência do prazer e relacionar o sexo como uma das manifestações da sexualidade, buscando dissociar a sexualidade da reprodução.

Gênero

A oficina discutiu a construção social das relações de gênero e trabalhou o papel social da mulher, sua condição de desigualdade na sociedade e na relação com o companheiro, com a exposição às DSTs e AIDS.

DST/AIDS

Informação qualificada sobre os diversos tipos de DSTs e as implicações e estigmas relacionados a elas. O objetivo foi trabalhar conceitos como “atitude de risco” ou “comportamento de risco” e desconstruir o conceito errôneo de “grupos de risco”.

Drogas e política de redução de danos

A oficina propôs a reflexão sobre os motivos do uso e/ou abuso de drogas, falou sobre as drogas lícitas e ilícitas. Introduziu, também, o conceito de redução de danos e principalmente abordou como o uso de drogas estaria relacionado com a infecção por DSTs e AIDS.

As ações que trabalham com a redução de danos não pretendem impor a abstinência aos usuários de drogas, da forma como práticas mais antigas pregavam. A redução de danos tem a perspectiva de garantir práticas mais responsáveis em relação a comportamentos de risco, levando informação ao usuário, às famílias e a sociedade. A proposta é estimular atitudes mais saudáveis, que minimizem os efeitos danosos do uso de drogas.

Aconselhamento em DST e HIV

Ofereceu informações sobre as formas de infecção pelo HIV e principais sintomas. O objetivo foi instrumentalizar os jovens para que pudessem sensibilizar o usuário dos serviços do Banco de Preservativos para realização do exame anti-HIV. Os jovens agentes foram capacitados para lidar com os significados clínicos, emocionais e sociais dos resultados; apontar o risco de re-exposição

sexual ao HIV e discutir as dificuldades do uso do preservativo e alternativas de negociação com o parceiro.

Gravidez na adolescência

O CIEDS apresentou para os jovens agentes dados que mostravam um alto índice de aumento de fecundidade entre adolescentes, em geral com gravidez não desejada. A partir destes dados, foi proposta uma reflexão sobre os projetos de vida e os sonhos de futuro dos jovens. Quais as consequências de uma gravidez não planejada na vida de adolescentes?

As Oficinas Técnicas qualificaram os jovens para a criação dos Núcleos de Prevenção, um espaço administrado pelos próprios agentes, com acompanhamento da equipe do CIEDS. Os Núcleos funcionaram como Bancos de Preservativos e polos de informação.

Em oficinas sobre parcerias e redes, organização comunitária e gestão comunitária, os jovens mergulhavam no universo da construção de novos patamares de desenvolvimento local.

Trabalhando com conceitos fundamentais sobre mobilização e parcerias o CIEDS apontava para a importância da sustentabilidade das ações, para a construção de um capital social para os próprios agentes, mas principalmente para as suas comunidades.

Este tipo de formação mostrou-se, ao longo de toda a história do CIEDS, fundamental para a consolidação de novas lideranças, que sem a percepção da importância do envolvimento dos moradores e de suas instituições, permanecem isolados e, em pouco tempo, perdem poder de influência e mobilização.

O que é mais importante aprender e também ensinar é que a transformação acontece como um processo, construído passo a passo e em conjunto.



O Projeto Jovens na Luta contra a AIDS foi implementado há mais de uma década. Mas, examinando de perto sua metodologia, seus temas e abordagens, é possível perceber a atualidade das questões que colocou para os jovens moradores da Zona Oeste.

Todas as suas proposições continuam valendo quando o assunto é sexualidade, prevenção, saúde física e emocional. Então, talvez seja preciso rever a afirmação inicial de que muita coisa mudou. Será?

O certo é que sempre será importante falar sobre sexo, prevenção, contracepção. E os jovens são ainda o foco principal deste debate.

Abrangência geográfica:

Município do Rio de Janeiro, Comunidades atendidas: Área de Planejamento – AP5.3, especificamente os bairros de Urucânia, Lote 14 (Santa Cruz), Sepetiba e Pedra de Inhoíba

Participantes:

Jovens e Adultos moradores dos bairros de Urucânia, Lote 14 (Santa Cruz), Sepetiba e Pedra de Inhoíba

Período de realização:

Janeiro de 2002 a dezembro de 2003

Financiador:

Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, Ministério da Saúde, UNESCO



MOPE

Conversa franca de igual pra igual

O projeto MOPE (Mobilização, Participação e Enfrentamento das DST e AIDS) desenvolveu ações de Educação e Saúde em dez comunidades da Cidade do Rio de Janeiro, nas Zonas Norte e Oeste a partir da capacitação e organização de um grupo de lideranças comunitárias, multiplicadores de informação e articuladores de redes.

O MOPE trabalhou com 50 lideranças e com escolas municipais localizadas nas comunidades nas áreas de influência do grupo. Com uma meta inicial de alcançar dez comunidades, o MOPE acabou chegando a 40. Formalizou inúmeras parcerias e ampliou significativamente a capacidade de influência e comunicação das lideranças com que trabalhou.

O objetivo final do trabalho das lideranças era levar informação qualificada à mulheres, jovens e ao público GLBT para diminuir sua vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis e ao vírus HIV.

No entanto, o projeto descortinou inúmeros potenciais ao longo de todo o processo de sua implantação. Foram elementos que garantiram a sustentabilidade da ação na medida em que requalificaram e atualizaram o trabalho das lideranças comunitárias, que a partir do MOPE consolidaram e ampliaram seu papel dentro das comunidades.

O MOPE veio confirmar esse aprendizado, somando conhecimento e práticas ao acervo da instituição. O viés participativo predominou ao longo de toda a implementação do projeto – a começar pela escolha da logomarca e da camiseta que identificaria as lideranças do MOPE. A participação e o debate se consolidaram como prática na medida em que surgiam novas ideias e novas demandas.

O importante é que o próprio exercício da participação, na tomada de decisões e na construção das soluções para os problemas que se colocam, é parte do processo de qualificação das lideranças comunitárias e da consolidação da metodologia, que se renova a cada experiência.

No caso específico da questão das DSTs e da AIDS, o CIEDS pode perceber as mudanças sociais e culturais que definem esse debate atualmente.

Decidir no coletivo - aprender a participar

O CIEDS, com sua longa trajetória na área social, atuou em diferentes realidades sociais e em diferentes momentos da história recente do país. Nesta diversidade, aprendeu, e nunca esquece, que há um investimento sempre rentável: a aposta na participação. Os lucros são os resultados dos projetos, as mudanças verificadas, seu impacto. Lucros sociais.

Por isso, com o MOPE, o CIEDS voltou a investir na metodologia que garante a participação dos beneficiários desde o primeiro momento do processo; na participação da comunidade, no diálogo, trocas e ajustes ao longo do caminho, de acordo com o que a realidade apresenta e demanda.

O primeiro trabalho do CIEDS, depois de sua fundação, ainda em 1998, foi a realização do Seminário sobre Estratégias de Prevenção a DST/AIDS, na Cidade do Rio de Janeiro. O público? Líderes Comunitários de áreas empobrecidas do Rio de Janeiro; gestores de creches comunitárias, de Belo Horizonte; membros de ONGS que trabalhavam com informação sobre AIDS, de São Paulo; gestores de secretarias de saúde de São Paulo e Espírito Santo.

Lideranças, comunidade e escolas – diálogos necessários

A escolha do perfil das lideranças que participaram do projeto foi uma decisão política. A identificação dos beneficiários tinha como objetivo fortalecer segmentos que geralmente têm pouca inserção e poder de decisão nos fóruns das unidades escolares. Mulheres e jovens participam mais em igrejas e associações de moradores. O público GLBT também tem muito pouca influência e participação em atividades realizadas no âmbito das escolas.

O CIEDS fez, então, a opção correta. Selecionar, entre quem tivesse o perfil de liderança, aquelas pessoas mais vulneráveis.

Ninguém melhor para receber, apreender e repassar conhecimentos, para tornarem-se multiplicadores de informações sobre prevenção, tratamento e diagnóstico de doenças sexualmente transmissíveis do que os mais vulneráveis.



A capacitação foi realizada durante três meses em oficinas semanais com uma abordagem ampla das DST e AIDS. A proposta foi de oferecer recursos e saberes destinados a facilitar a interlocução com mulheres, jovens e com o público GLBT dos territórios de atuação das lideranças. Ou seja, a busca de abrir o diálogo entre iguais: de mulher para mulher, de jovem para jovem, de gays para gays etc.

A experiência de interação entre as lideranças e os estudantes das escolas municipais foi especialmente positiva. A sexualidade é tema sensível para os adolescentes do segundo segmento do Ensino Fundamental, em geral entre 12 e 15 anos. A qualidade das informações e o nível de capacitação das lideranças que visitaram as escolas surpreenderam alunos, professores e diretores.

A coordenadora do projeto, Valéria Mercker, avalia que a escola ficou surpresa com o domínio do tema pelas lideranças comunitárias: “Pessoas simples, mas com muito conhecimento sobre os temas, falando sempre na linguagem dos jovens, de maneira clara, direta, transparente e sem receios”.

O sucesso desta relação foi expresso na agenda de atividades do grupo, durante todo o período de execução projeto – convites para participação em reuniões, palestras em outros projetos sociais, visitas a escolas.

As parcerias formalizadas ao longo de todo o processo suprimiram inúmeras demandas que foram surgindo na medida em que o projeto chegava às comunidades e pessoas. Propostas surgiam, novas ideias pediam recursos para sua implementação, outras comunidades demandavam ações. E as parcerias foram realmente cultivadas no âmbito do MOPE.

Esta característica da gestão do projeto fortalece outra premissa do CIEDS: na área social é fundamental abrir interfaces, diálogos entre poder público e iniciativa

privada, entre diferentes organizações do Terceiro Setor, entre pequenas e grandes iniciativas e atores locais. Todos somam para a ampliação de ações que, mesmo se dispuserem de poucos recursos, poderão gerar um grande impacto por sua capacidade de agregar, articular, estender redes.

Fortalecidos no campo de ação

O CIEDS, com o MOPE, retomou a discussão sobre a importância da prevenção e tratamento das DST e AIDS, que pode parecer ultrapassada ou desnecessária, primeiro devido ao suposto nível de informação já disponível sobre DST em geral; e, em relação a AIDS, a diminuição dos índices de contaminação e dos óbitos levou a um relaxamento dos cuidados com a prevenção já denunciado por pesquisas.

O MOPE trabalhou intensamente na melhoria do nível de organização e capacidade de mobilização de um grupo significativo de lideranças. Estas lideranças retomaram sua participação em fóruns comunitários e no debate na área de saúde e sexualidade da Cidade do Rio de Janeiro; outros começaram uma trajetória mais consistente de atuação junto à sua comunidade. O projeto criou a Rede MOPE de Prevenção e apontou para os novos espaços de mobilização e comunicação disponíveis gratuitamente. O grupo criou um blog e uma página no facebook, utilizado as redes sociais para ampliar a rede MOPE.

Lição aprendida: quando o projeto realmente atende a demanda de um grupo ou local ele encontra parceiros e multiplica recursos. O MOPE fez isso.

Abrangência geográfica:

Comunidades da Zona Norte e Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro

Participantes:

Lideranças comunitárias, jovens, mulheres e grupos de gays, lésbicas, bissexuais e travestis, GLBT

Período de realização:

Setembro de 2011 a agosto de 2012

Financiador:

Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, Ministério da Saúde, UNESCO



NEATES

Economia Solidária na vanguarda de transformações sociais e econômicas

A história do Núcleo Estadual de Assistência Técnica aos Empreendimentos Solidários no Estado do Rio de Janeiro, NEATES, começa assim: existe uma nova forma de fazer negócios!

No CIEDS, com larga experiência em criar novas formas de “negócios” – alternativas para gerar renda, estratégias para consolidar grupos comunitários, mecanismos para fortalecer empreendedores – o NEATES encontrou o seu lugar entre os bons negócios desenvolvidos na instituição. Para entender por que, basta lembrar que a palavra “negócio” vem do latim que misturou *otium*, ócio, com sua negação *neg*, o que deu em *negotium*, “ocupação”.

Negotium é **fazer**, é a negação do ócio, do **não fazer**. E no CIEDS o negócio é fazer, empreender, negociar.

Com o NEATES, o CIEDS assumiu a tarefa de reunir produtores e instituições na dinâmica da Economia Solidária, ou seja, negociar a partir de novos valores, expressos em novas práticas. O Núcleo convocou empreendedores de todas as áreas para juntos inventar um jeito diferente de gerar riqueza, bem-estar e participação.

Na vanguarda do Terceiro Setor, o CIEDS assumiu o desafio de tornar realidade o conjunto de conceitos que norteia a Economia Solidária. E, depois de dois anos de muito trabalho (negócios?), a instituição pode reclamar para si um papel significativo na história da Economia Solidária no Estado do Rio de Janeiro.

Mas por que Economia Solidária?

Em parceria com o Ministério do Trabalho, por meio da Secretaria Nacional de Economia Solidária, o CIEDS publicou uma cartilha sobre o tema, que define: “A Economia Solidária traduz a superação de um modelo de trabalho baseado em valores que priorizam o indivíduo, o lucro, a acumulação e a competição, por um outro, que é centrado no bem-

estar dos trabalhadores, na cooperação, na valorização do trabalho, do saber e da criatividade humana.”

É fácil entender porque o CIEDS teve e tem todos os atributos requeridos para gerir o NEATES. A Economia Solidária requer a soma de diversos fatores para que seja um processo compensador e significativo para os envolvidos. E o CIEDS domina bem estes fatores – na teoria e na prática.

Cooperação, valorização da criatividade humana, bem-estar, coletividade, participação, são elementos chave para a instituição. Com eles, o CIEDS construiu sua história. Eles também estão na trajetória do NEATES, que, por ter acertado na mistura dos elementos e práticas, continua a render frutos e a indicar rumos.

Pavimentar o caminho: diálogo, cooperação e legitimidade

Ao longo da implementação das primeiras ações do Núcleo, a equipe percebeu a situação do movimento da Economia Solidária no Estado do Rio de Janeiro.

Como chegar aos empreendimentos? Onde estavam empreendedores de Economia Solidária? E afinal, existiam de fato empreendedores de Economia Solidária? Ou eram apenas empreendedores solitários, “artesanais”, em busca de um mercado para escoar sua produção?

Aqui, foi convocada uma das grandes especialidades do CIEDS: criar alternativas e saídas efetivas para a execução do projeto, quando o planejamento não se encaixa perfeitamente aos diferentes contextos e dinâmicas locais.



E, é bom lembrar, na área social essa é quase uma regra. Em algum momento o processo muda o rumo da linha reta traçada no planejamento e é preciso recriar, ajustar, atualizar as ações para garantir os resultados. Expertise do CIEDS.

Para efetivamente criar legitimidade não só para o projeto, mas principalmente para os próprios empreendimentos, o NEATES identificou de imediato a importância de articular todos os agentes do universo da Economia Solidária e do empreendedorismo. Para isso, criou estratégias para superar as dificuldades de interlocução e representação entre os diferentes atores locais, regionais, estaduais e federais. Um exercício e tanto de articulação política e diálogo.

Dois eixos foram desenvolvidos: uma parceria sólida com a Superintendência de Economia Solidária do Ministério de Trabalho e Emprego do Rio de Janeiro, SRTE/MTE; e a abertura de um canal de diálogo permanente com o Fórum Estadual de Economia Solidária. A partir da articulação destes atores, o NEATES ganhava a legitimidade para chegar a municípios de todo o Estado do Rio, às secretarias setoriais que lidavam com empreendedores locais, e chegando, finalmente, ao público-alvo final – o artesão, os produtores, os artistas.

Resultados permanentes, em contínuo crescimento significa sustentabilidade

O NEATES teve atuação direta em mais de 20 municípios do Estado do Rio. Realizou 18 jornadas de estudos junto a empreendedores para debater os conceitos e práticas da Economia Solidária e as questões ligadas à gestão de negócios, com representantes do Fórum Estadual de Economia Solidária e da Seção de Economia Solidária da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego/MTE.

O Núcleo promoveu também cinco seminários regionais, reunindo gestores públicos e empreendedores.

Foram 3.900 horas de assessoria técnica e 165 empreendimentos de Economia Solidária (EES) de todo o estado. Por meio de um intenso trabalho de pesquisa, correspondência e visitas, o NEATES conseguiu construir um banco de dados com informações atualizadas sobre os empreendimentos fluminenses em funcionamento.

O NEATES, no processo de envolver as prefeituras, prioritariamente as secretarias de trabalho e geração de renda, no movimento mais amplo fornecia aos gestores públicos o mapeamento feito pelo Ministério do Trabalho/SENAES e material teórico sobre a Economia Solidária. Esta dinâmica possibilitou o estreitamento, quando não a inauguração, de uma relação entre gestores públicos e os EPPS locais.



Em São Gonçalo, por exemplo, o movimento de Economia Solidária buscava há anos implantar o Conselho Municipal de Economia Solidária sem sucesso. O NEATES conseguiu, com sua assessoria, mediar um diálogo entre o fórum local e a prefeitura para que, juntos, desenvolvessem as ações necessárias para a formalização do Conselho.

O NEATES teve papel decisivo para mobilizar e organizar o processo das eleições para conselheiros. Sua participação foi reconhecida com a eleição por unanimidade do CIEDS como um dos membros do conselho.

A curva no gráfico da Economia Solidária no Estado do Rio

No Estado do Rio de Janeiro, o NEATES marcou um ponto de ascendência na organização dos empreendimentos de Economia Solidária, como ficou demonstrado na sistematização dos projetos feita pela Secretaria Nacional de



Economia Solidária. O NEATES foi “a curva do gráfico”. Muitas das experiências vivenciadas do NEATES-RJ foram registradas e adotadas para novos editais da Secretaria. O Núcleo avançou com as jornadas de estudos e abriu caminho para a capilarização e criação de políticas públicas na área. Em diversos municípios, o NEATES promoveu uma interlocução inédita entre os empreendimentos e iniciou o movimento de formação de cadeias produtivas.

Importante mencionar que outros elementos foram colocados para a equipe, como a questão de gênero.

Tornou-se fundamental abrir o debate sobre a condição das mulheres no mercado de trabalho, na geração e composição da renda familiar, tendo em vista que os EES são formados majoritariamente por mulheres.

Na avaliação do Gestor do Projeto, Sergio Pereira, “o NEATES, na verdade, começou a promover e dar visibilidade à Economia Solidária no estado. Apresentamos a política pública nacional e demos voz aos empreendimentos. Muitos gestores públicos não tinham ideia do número de empreendimentos que existiam na sua cidade, do potencial destes empreendimentos. Aliás, alguns sequer sabiam que existia um movimento de Economia Solidária. Hoje, a situação é outra. Novos fóruns estão se formando e grupos que receberam assessoria técnica do NEATES concorrem a editais do governo federal”.

Números

- 165 empreendimentos
- 877 participantes
- 7 seminários
- 18 jornadas de estudo
- 3.900 horas de assessoria técnica

Abrangência geográfica:

Estado do Rio de Janeiro, regiões do Médio Paraíba, Serrana, Metropolitana, Baía de Ilha Grande/ e ou Noroeste, Litorânea e Norte.

Participantes:

Empreendimentos de Economia Solidária no Estado do Rio de Janeiro

Período de realização:

Dezembro de 2009 a dezembro de 2011

Financiador:

Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego

Economia solidária em saúde mental

O Núcleo de Assistência Técnica aos Empreendimentos Solidários no Estado do Rio de Janeiro, NEATES, desenvolveu um grande potencial de replicabilidade de sua metodologia em contextos diferentes daqueles previstos originalmente.

O CIEDS investe neste exercício de ampliação e desdobramento de suas ações como forma de testar e ajustar metodologias exitosas. Faz um constante intercâmbio de experiência e tecnologias com outros projetos e customiza suas práticas para que possam, nessa troca, enriquecer metodologias e ser enriquecidas por elas.

Uma experiência deste tipo foi realizada no Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, CPRJ, no âmbito do Programa de Trabalho e Geração de Renda e Saúde Mental.

O CPRJ integra serviços do Hospital Dia, que oferece atendimento para pacientes que precisam de atenção terapêutica em ambiente hospitalar mas que não requerem internação permanente, além de atendimento de emergência, enfermaria de crise e ambulatório.

O Centro presta atendimento a situações de crise, mas também investe no processo de ressocialização dos usuários, com atendimento humanizado.

Os valores e a dinâmica das interações que se estabelecem nos negócios feitos sob a ótica da Economia Solidária são definidos pela dimensão do humano e não pela exigência do lucro e da produtividade a qualquer custo. Trabalhar e produzir significa gerar mais vida e sustento, mais conforto e harmonia, e não competição, stress e desigualdade.

A experiência integrou as políticas estaduais de geração de trabalho e renda e de saúde mental e, com baixo custo, mostrou-se uma alternativa viável para a inserção de pessoas com transtornos mentais no mundo do trabalho. De fato, a essência da proposta terapêutica do Hospital Dia é a construção de canais de convivência e consolidação de relações harmoniosas no ambiente de trabalho, oferecendo aos usuários mais uma alternativa de participação social.

Neste contexto, o Programa de Trabalho e Geração de Renda e Saúde Mental ganha destaque como uma estratégia de consolidação de um espaço de ressocialização e de inserção no mundo do trabalho.

O NEATES utilizou sua metodologia e seus conceitos para trabalhar com o público do CPRJ e mostrou que a lógica da Economia Solidária pode e deve ser aplicada em processos e grupos que requerem uma relação diferenciada com o mundo do trabalho. Uma relação melhor.

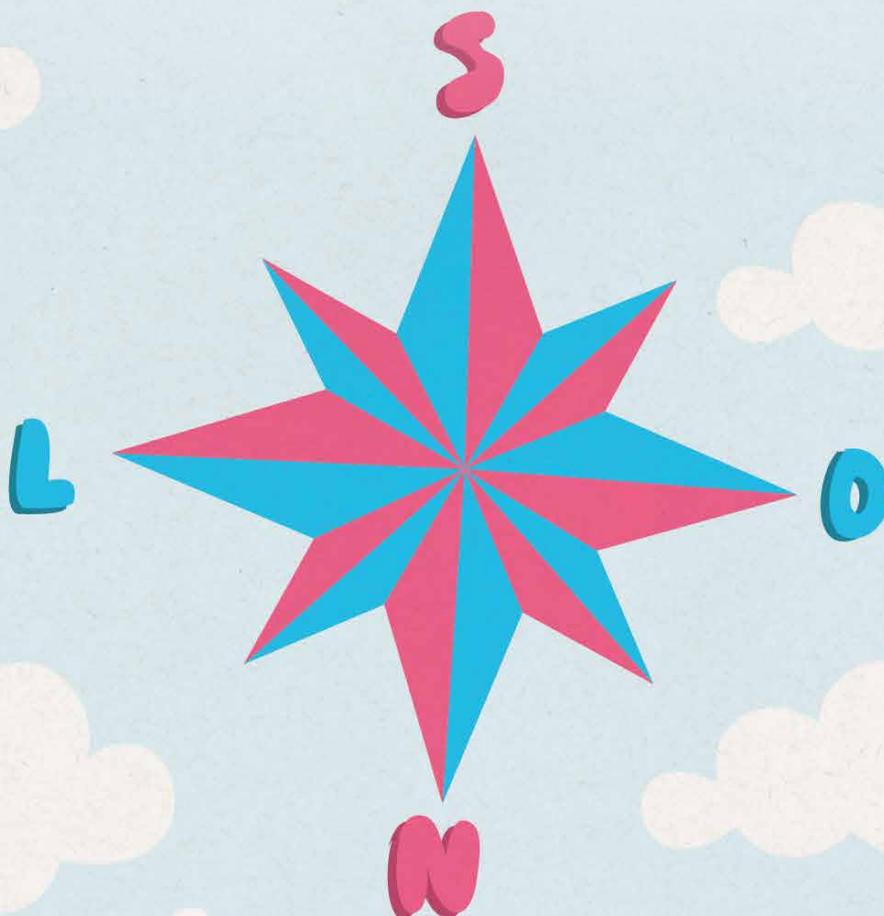
O primeiro grande desafio da equipe do NEATES foi incorporar à metodologia do Programa de Trabalho e Geração de Renda do CPRJ os conceitos e premissas da Economia Solidária. Os técnicos do Hospital Dia e a coordenadora do programa foram acionados para que pudessem fazer uma espécie de tradução e adequação da linguagem, para que todos, principalmente os usuários, entendessem os conceitos implicados nos Empreendimentos Econômicos Solidários, EES, e os adaptassem ao contexto da geração de trabalho e renda no CPRJ.

O facilitador da equipe do NEATES teve um papel fundamental neste processo de “tradução” e homogeneização da linguagem, colocando em discussão, e em prática, conceitos como cooperação, autonomia, sustentabilidade; incentivando a criatividade; ajustando a produção; apresentando as cadeias produtivas em rede; e finalmente, apontando possibilidades reais de geração de renda a partir da qualificação da gestão.

A escuta e o fortalecimento dos espaços de fala dos usuários possibilitaram que as dúvidas e indagações trazidas por eles se transformassem em exercícios e aprendizados concretos de questões referentes ao mundo do trabalho.

O diálogo constante com a equipe técnica do Hospital Dia fez toda a diferença na implantação de uma experiência nova para o CIEDS: capacitar empreendedores com transtornos mentais.

A participação é a tônica de todo o trabalho e o viés do diálogo e da troca afasta obstáculos, aproxima percepções, equaciona desejos. E assim foi no CPRJ.



O NEATES levou para os técnicos e usuários do Hospital Dia o instrumental utilizado na qualificação dos grupos produtivos com que trabalhou durante os 24 meses de implementação do Núcleo no Estado do Rio. Apresentou os instrumentos de gestão dos Empreendimentos de Economia Solidária, EES; as formas de avaliar a viabilidade ambiental, social e econômica dos empreendimentos; a formação do preço justo e os benefícios das iniciativas para os empreendedores. Com cada nicho produtivo do programa do CPRJ – culinária, confecção e artesanato – o NEATES exercitou o cálculo dos preços, mostrando aos produtores, tanto os técnicos como os usuários, como é possível chegar a um preço justo e satisfatório.

Os grupos trabalharam também na elaboração de Planos de Negócio, a ferramenta que serve de bússola para estabelecer o caminho até a geração de renda. “É fundamental que os empreendedores aprendam a colocar no papel cada elemento do seu negócio. Que contemplem cada um dos elos do processo, de uma ponta a outra, considerando ainda os valores envolvidos na produção, a qualidade de vida gerada pelo trabalho associado e autogestionário”, apontou Fernando Pereira, gerente do projeto de Economia Solidária em Saúde Mental.

O projeto provocou reflexões determinantes para os grupos produtivos do CPRJ, principalmente no que se refere ao planejamento e à formação de preços. Os novos conhecimentos aportados possibilitaram uma mudança na expectativa de sucesso dos grupos que antes se viam frustrados em relação à produção e às vendas. A possibilidade de obter resultados provocou o engajamento dos usuários no projeto, o que fez toda a diferença. A gestão do projeto, constantemente ajustada a seu público, levou a resultados que surpreenderam a própria equipe gestora. “Foi diluída qualquer barreira que se pensa estar cristalizada nos processos cognitivos de ensino-aprendizagem com este grupo”, afirma Fernando.

O CIEDS apresenta esta experiência no seu portfólio com orgulho, porque ela reafirma o compromisso da instituição de investir em novas práticas, de inovar e de correr riscos calculados, única forma de evoluir na área social.

O CIEDS acredita e trabalha por essa evolução das ações sociais e tece, diariamente, redes para a prosperidade. São redes amplamente inclusivas que amparam, sustentam e reúnem malabaristas de todos os matizes: trabalhadores com deficiência, mulheres e jovens que necessitam de qualificação profissional, estudantes, professores, empreendedores, pessoas com transtornos mentais, empresários... Esses malabaristas precisam, mais que ninguém, traçar caminhos seguros rumo a melhores patamares de inclusão e qualidade de vida.

Seja como trabalhadores sociais intervindo em realidades adversas, seja como beneficiários das ações, é necessário planejar os processos de mudança, considerando a rota e as ferramentas disponíveis. O CIEDS é um bom navegador. Inventa e reinventa mecanismos que levem até os resultados esperados, até porto melhor.

Abrangência geográfica:

Município do Rio de Janeiro, Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, CPRJ

Participantes:

Usuários do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, CPRJ

Período de realização:

Julho a novembro de 2011

Financiador:

Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego



PAIS

Mulheres Amigas da Educação

Brincadeira de mãe. Desde antes das palavras fazerem qualquer sentido, essa simples ideia já é uma das mais agradáveis na concepção de qualquer criança. E como é comum ver os pequenos chorando na porta da escola porque não querem se separar daquela figura que para elas é um porto seguro, a garantia de que está tudo bem. Mas e se essa separação não precisar ser tão drástica?

A ação Mulheres Amigas da Educação, MAE, visa a envolver mães no processo educacional de crianças e adolescentes de forma que os estudantes ganhem confiança e motivação em sala de aula, enquanto as próprias voluntárias encontram uma maior proximidade junto aos filhos, aprofundam-se no papel de mãe e assumem funções e atividades que fazem a diferença não só em suas famílias, mas também na comunidade ao redor. Por outro lado, mais envolvidos nos processos de aprendizagem dos filhos, os pais passam a exigir qualidade e comprometimento do espaço de ensino, consolidando um ciclo benéfico de incentivo.

Realizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, no bairro de Santa Cruz, a ação surgiu por meio do Programa de Apoio à Iniciativa Socioeducativa, PAIS, e atua em seis comunidades do complexo João XIII. São 24 mães, quatro em cada comunidade. São mulheres que voluntariamente se dispõem a implementar as ações do MAE. Todas passam por um processo de seleção, que identifica aquelas que apresentam maior potencial de interação com suas comunidades. As selecionadas participam de uma capacitação continuada e recebem uma bolsa-auxílio no valor de R\$ 100,00, repassada pelo CIEDS com financiamento da Thyssenkrupp CSA.

“A capacitação é fundamental para trocar experiências, aprender como lidar com as crianças e criar um ambiente de encontro para as mulheres que usam parte de seu tempo para ajudar o lugar onde moram.”

Nadia Ayres, voluntária do MAE.

Ao longo do projeto, elas fazem contatos com os responsáveis dos demais alunos e participam da elaboração e realização de atividades lúdicas, gincanas, feiras de livros, cineclubes, seminários e reuniões periódicas com professores e coordenadores escolares. Com horários organizados e de acordo com a disponibilidade de cada uma, são realizadas avaliações mensais separadas e em conjunto com coordenações e educadores.

“O que os responsáveis não podem fazer dentro de casa nós auxiliamos na escola, como por exemplo, trabalhos de casa. Eu tenho seis filhos, um deles tinha muita dificuldade para aprender, mas depois que ele começou a participar melhorou muito o rendimento dele.”

Raquel Lima, voluntária do MAE.

Pais e filhos, do jeito que forem

Além das atividades voltadas para o ambiente escolar, a ação também estimula a aproximação das famílias e estudantes através de visitas familiares, rodas de conversa com temas diferenciados e palestras e debates voltados para os pais e responsáveis. A sinergia entre pais, alunos e educadores dá a muitas dessas mães algo que talvez buscassem há muito tempo sem nem mesmo saber: um propósito.

“Eu me sinto útil, me aproximo da educação do meu filho e ainda ajudo a minha comunidade.”

Daniele Passos, voluntária e mãe de um dos participantes do Projeto PAIS.

Entre os pontos levantados na ação estão também a aceitação e a valorização das diferentes formas de arranjos familiares. Segundo a gestora do projeto Isabel Assis, do PAIS, a variedade de composição das famílias muitas vezes é vista como sinal de “desestruturação”. Mas as diferentes formações familiares, que cada vez mais se distanciam do modelo de pai, mãe e filhos, nada têm a ver com o rendimento escolar ou implicam em problemas morais e afetivos. As Mulheres Amigas da Educação foram convidadas a refletir sobre a família moderna, suas estruturas e opções, no sentido de romper com preconceitos e contribuir para a disseminação de uma cultura de respeito a diversidade.

A observação constante e sem julgamentos pré-concebidos das atitudes e rotinas dos estudantes também é encorajada. A abordagem é parte da percepção renovada de que o espaço educacional também é o espaço social, e vice-versa. Assim, ganham a dimensão educativa não apenas escolas e museus, mas também as ruas e áreas onde moram as famílias, bem como as associações de moradores, praças e demais espaços de convivência. Mães e seus filhos estudantes passam a vivenciar esses espaços como locais de formação, dividindo a experiência de aprender para além dos muros da escola.

Problemas de todos. Mas benefícios também

Professores, famílias e instituições educacionais podem ter os mesmos objetivos, mas o processo de aproximação e mesmo integração desses universos aparentemente distintos pode ter seus percalços. As escolas que conseguem transformar os pais e responsáveis em parceiros geralmente registram menores índices de evasão e melhoras no rendimento dos alunos. No entanto, inicialmente podem surgir dificuldades na compreensão de uma nova configuração dos papéis de cada um.

“Era preciso fazer com que as Mulheres Amigas da Educação compreendessem seu papel na atuação do apoio a aprendizagem e que os educadores compreendessem que não estavam perdendo espaço para outras pessoas”, conta a gestora do projeto PAIS. “Mas discutindo em pequenos grupos e comunidade, começando a tomar consciência de sua própria força e capacidade de descobrir soluções novas, a família aprende e ensina”.



Superadas as dores do crescimento conjunto, vem o entendimento de que se pode aprender mesmo com aqueles que não têm, à primeira vista, o perfil de educador. Afinal, as voluntárias tiveram, sim, a experiência crucial de acompanhar os primeiros passos, as primeiras palavras e realizações de seus filhos.

“A família é o primeiro grupo com o qual a pessoa convive e seus membros são exemplos para a vida. No que diz respeito à educação, se essas pessoas demonstrarem curiosidade em relação ao que acontece em sala de aula e reforçarem a importância do que está sendo aprendido, estarão dando uma enorme contribuição para o sucesso da aprendizagem”, conclui Isabel.

A reflexão e os debates constantes ao longo do projeto culminam, por fim, na constatação de que as dificuldades não são apenas individuais, e que a solução depende de toda a comunidade. Mas a teia entre escolas, espaços educativos, família, educadores, coordenações e comunidades é uma ferramenta que pode mitigar o esforço necessário para que crianças e adolescentes superem os obstáculos dessa jornada e a considerem quase uma brincadeira. E não é qualquer uma. É de mãe.

Abrangência geográfica:

Bairro de Santa Cruz, Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro

Participantes:

Mulheres moradoras de Santa Cruz, Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro

Período de realização:

Desde fevereiro de 2012

Financiador:

Thyssenkrupp CSA

Pax Urbana

A cidade se expressa em busca da paz

“Trilhando os caminhos e descaminhos da pedagogia social possível no meu tempo e na minha circunstância, aprendi que o assistencialismo é reducionista em sua essência, porque se limita a satisfazer necessidades, enquanto arte e cultura criam sempre novas e mais complexas necessidades.”

Antonio Carlos Gomes da Costa, em entrevista para o Centro de Estudos de Políticas Públicas, CEPP, em 2010.

Cultura, arte, música, teatro... Todo mundo gosta de encontrar um jeito novo de se expressar e pensar. O jovem mais do que ninguém. Em dezembro de 2007, o CIEDS iniciou, na Cidade do Rio de Janeiro, com financiamento da União Europeia, um projeto criado especialmente para jovens cariocas - o Pax Urbana.

Num contexto social sensível e traumatizado por índices altos de violência, o Pax Urbana propôs uma relação lúdica e harmoniosa com a cidade, quase um namoro, a partir da reconquista de uma cultura de paz por meio da arte. Propor a arte e a cultura como motores deste debate teve o objetivo de oferecer a jovens de diferentes segmentos da população a oportunidade de ampliar seu universo de conhecimento e principalmente de expressão.

No Pax Urbana, jovens entre 15 e 29 anos foram capacitados para formular e produzir intervenções artísticas em pontos chaves da cidade: locais de grande circulação de trabalhadores, pontos turísticos, praias e praças. Promoveram, por meio da dança, da poesia, da pintura, da música e do teatro, intervenções e diálogos

com a cidade e seus moradores sobre a harmonia, a convivência pacífica e a cultura da paz.

É preciso lembrar: diferentes, mas não desiguais

O grupo de jovens do Pax Urbana acabou por se constituir num coletivo inclusivo, marcado pela diversidade e pela incorporação das experiências e histórias trazidas por cada indivíduo aos debates e conteúdos temáticos. Jovens de baixa renda, jovens com deficiência, jovens de classe média, com diferentes opções sexuais, se reuniram ao longo de 16 meses para pensar a paz em contraponto à violência cotidiana, aos preconceitos e discriminações.

No Pax Urbana, a diversidade expressa na constituição do grupo gerou conteúdo de debates internos e motivou intervenções artísticas.

PiPaz

Na praia do Leme um grupo de artistas mambembes, em pernas de pau, rostos pintados, vestidos rodados, caras de palhaço, sorrisos de bailarinas, ocupam a praça para soltar pipas. São pipas da paz que ocupam o céu azul e convidam moradores do bairro de classe média e da comunidade vizinha, o Morro da Babilônia, a participar da oficina, onde o mestre pipeiro, lá da zona norte, ensina crianças e adultos a fazer pipas e rabiolas coloridas.

O que o CIEDS colocou no céu daquela tarde foi a esperança de dias melhores para a cidade, de relações melhores entre o morro e o asfalto, de retomada de tradições lúdicas. Como soltar pipa sem o perigo do cerol, sem o isolamento nas lajes das favelas. A cidade, mandava dizer: “o Pax Urbana é de todos e para todos”.

Conversando a gente se entende

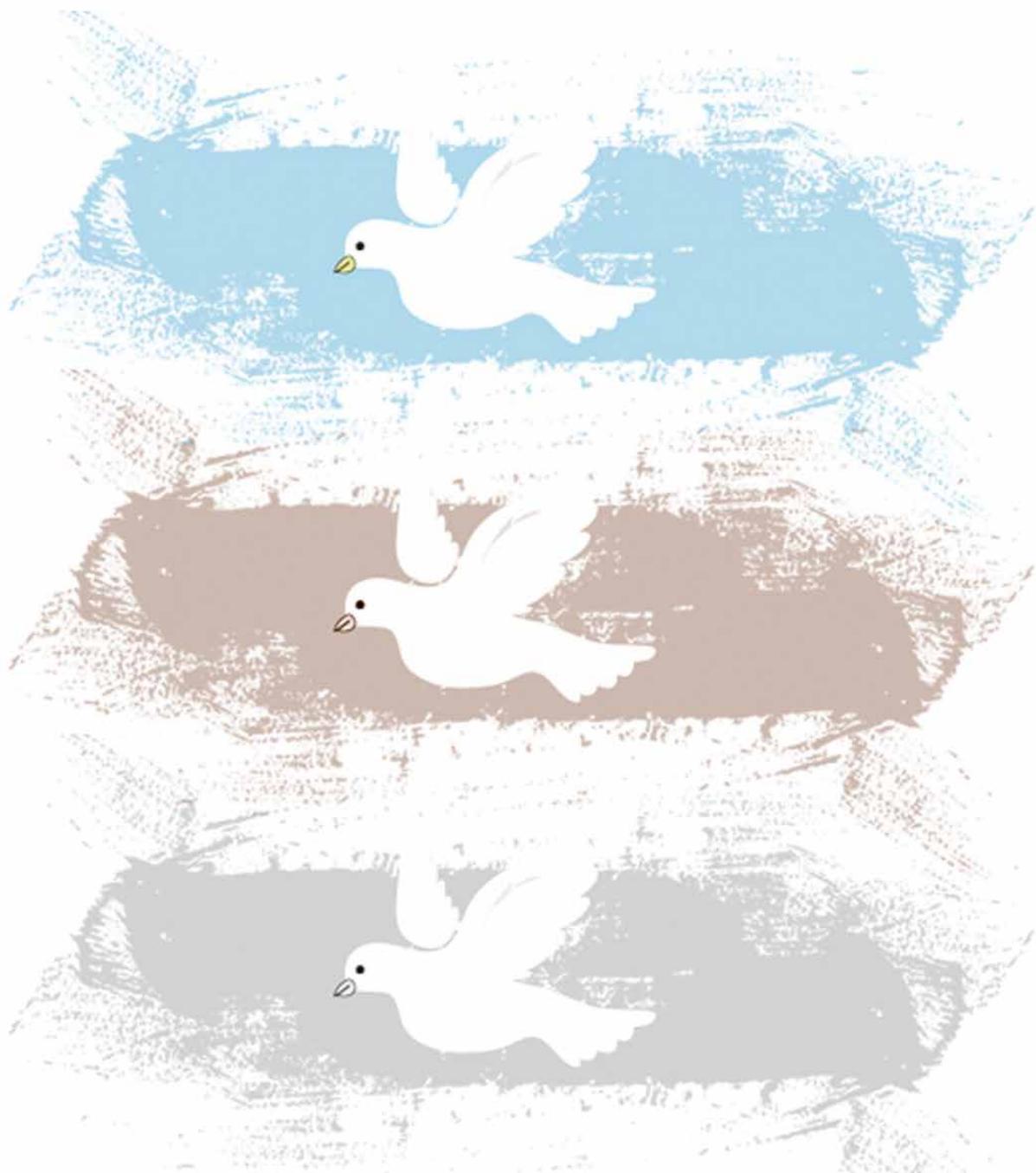
Durante um debate sobre diversidade, uma jovem com Síndrome de Down afirmou que os homossexuais deveriam ser banidos do planeta. Outro jovem, também Down, perguntou se os portadores da Síndrome também não deveriam ser banidos, já que também eram “diferentes”.

Um terceiro jovem entrou no debate: “Dê uma boa olhada ao redor. Nossa nação é uma grande mistura de etnias e culturas, que diferenciam cada um de nós. Infelizmente, em nossa sociedade, o que não é compreendido é tratado com indiferença ou preconceito”.

Muita coisa para pensar! Então, lá vai o Pax pintar, dançar, poetizar, encenar a questão da diversidade; a importância do respeito ao diferente, ao indivíduo e ao coletivo.

O Pax armou em praça pública o Boteco das Diferenças. Na velha tradição dos longos papos de botequim, os jovens do Pax convidaram os pedestres a sentar um pouco para conversar sobre convivência, preconceito, aceitação. Estes diálogos resultaram em reflexão para levar para casa e para a vida inteira.

A jovem que começou a discussão, lá atrás, repensou suas posições. Olhou para o lado, para quem não era Down, não era branco, não era homossexual, não era negro, não era rico, não era pobre e pensou: “Ele é como eu. Gente.”



A ordem urbana começa em cada um

O projeto promoveu mudanças reais na vida dos seus participantes diretos – os jovens. De imediato, tiveram a oportunidade de desenvolver talentos e habilidades em oficinas de figurino, cenários, dança e pintura, que foram qualificadas pelo debate constante sobre temas como cidadania, participação social, civilidade urbana, diversidade, discriminação. Foram mais de 530 horas de capacitação.

O projeto garantiu aos jovens um espaço de expressão. E, o que é mais importante, lhes forneceu ferramentas e conhecimentos para que pudessem escolher a forma de dar vida à suas falas, reflexões e sentimentos.

Numa perspectiva integradora e de construção conjunta, o grupo se encontrava três vezes por semana com coordenadores e professores para discutir e pesquisar temas relativos ao foco do projeto – violência, diversidade, cultura da paz –, ao mesmo tempo em que expressavam artisticamente suas ideias, propostas e sentimentos.

Todo o processo de escolha, planejamento e produção das intervenções foi feito de forma coletiva, com coordenadores, educadores e jovens participando das decisões de forma democrática. Mais um exercício de respeito e civilidade.

Ao longo do projeto, foi permanente o movimento de levar os jovens a enfrentar seus desafios pessoais para mudar para melhor: voltar à escola; buscar a qualificação profissional; procurar novas referências de trabalho e estabelecer compromissos com o futuro.

Amigos que chegam para fazer arte

O Pax Urbana, em 2008, agregou novos parceiros que contribuíram na divulgação e execução da proposta, ampliando as possibilidades e o alcance das intervenções propostas pelo grupo. Assim, se tornaram parceiros permanentes do projeto instituições públicas e privadas: Museu Histórico Nacional, Subprefeitura de

Bangu, Subprefeitura de Copacabana, Ponto de Cultura – Lona de Circo do Crescer e Viver, TV Câmara, TV Brasil, Centro Cultural da Zona Oeste, Passeio Shopping, Rede Globo, além de escolas particulares e públicas.

A parceria com a Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência, da Prefeitura do Rio, possibilitou a participação ativa de cinco jovens com deficiência em todas as ações do projeto.

Aqui, mais uma vez, o CIEDS mostra como é possível ampliar as possibilidades dos projetos com uma política de parcerias focada na criação de oportunidades para todos os envolvidos.



No fim do projeto, os jovens do Pax organizaram o Fórum Paz, qual é a sua?, para discutir políticas públicas para juventude, e reuniram todos os parceiros e convidados de outras instituições do Terceiro Setor.

As perguntas que ainda ecoam nas salas do CIEDS, tempos depois do encerramento do Projeto Pax Urbana, têm a ver com a dimensão das mudanças alcançadas por essa ação que juntou diferentes jovens para conversar com a cidade por meio da arte. Quem mudou? Os jovens mudaram, os educadores também. E os moradores ainda guardam as questões colocadas pelo Pax Urbana? E a instituição? Mudou?

A verdade é que tudo mudou.

Hoje vemos o projeto como uma boa prática, e lembramos de suas cantorias pelas ruas do Rio de Janeiro, de suas festas pela paz. Saudamos, então, como Chico Buarque, os jovens do Pax: “Evoé, jovens artistas!”, sempre.



Abrangência geográfica:

Município do Rio de Janeiro

Participantes:

Jovens de 15 a 29 anos, moradores do município do Rio de Janeiro

Período de realização:

Dezembro de 2007 a abril de 2009

Financiador:

União Europeia



Plataforma dos Centros Urbanos

A cidade em movimento

A Plataforma também é inspirada pela energia, criatividade, produtividade e cultura das comunidades populares, que, somadas às ações realizadas pelo governo e pelas organizações sociais, são capazes de transformar a realidade e garantir uma vida melhor para as crianças e os adolescentes.

http://www.unicef.org/brazil/pt/where_9427.htm

A Plataforma dos Centros Urbanos é uma iniciativa ambiciosa do UNICEF. Propõe colocar cidades inteiras em movimento para melhorar as condições de vida de crianças e adolescentes moradores de comunidades populares.

As palavras que regem as ações da Plataforma são equidade e garantia de direitos. Todas as crianças e todos os adolescentes devem “crescer e se desenvolver com saúde, aprender mais, ter acesso à cultura, se divertir, praticar esportes e estar sempre protegidos contra qualquer tipo de violência”.

Por meio de uma grande mobilização social, a Plataforma reduz a desigualdade entre a condição de vida de meninos e meninas moradores de comunidades populares dos centros urbanos e daqueles que vivem em outras regiões da cidade.

Todos devem ter seus direitos assegurados, como está lá, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente.



Para isso, a Plataforma, no primeiro ciclo de sua implantação, entre 2008 e 2012, promoveu uma grande mobilização, convocando diferentes atores a assumir um compromisso com metas claras e definidas num processo coletivo de eleição de prioridades.

O CIEDS é um dos parceiros da Plataforma contratado especificamente para prestar apoio técnico na execução das atividades de participação e mobilização comunitária. Sua área de excelência.

Em 2009, o UNICEF lançou a primeira fase da Plataforma dos Centros Urbanos nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), de São Paulo e Itaquaquecetuba (SP). Cada cidade define as metas municipais a serem alcançadas. Um Comitê Municipal Intersetorial monitora as metas da cidade e apóia os grupos locais.



O CIEDS assumiu ações em 25 distritos de São Paulo e três bairros de Itaquaquecetuba.

No primeiro ciclo do PCU (2008 – 2012), foram monitoradas 20 metas municipais:

1. Reduzir a mortalidade neonatal precoce
2. Ampliar a cobertura dos programas de atendimento à saúde da família
3. Ampliar a cobertura pré-natal
4. Ampliar o atendimento em creches para crianças de até 3 anos
5. Ampliar o atendimento em pré-escolas para crianças de 4 e 5 anos
6. Reduzir o abandono, a repetência e a distorção idade-série no ensino fundamental
7. Universalizar o acesso ao ensino fundamental para a população de 6 a 14 anos
8. Cumprir as metas relativas ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) dos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas municipais
9. Reduzir a taxa de mortalidade de menores de 19 anos por acidente de transporte
10. Garantir a implantação e o funcionamento de sistema de notificação de violência contra crianças e adolescentes no município
11. Ampliar o número de Conselhos Tutelares e assegurar o funcionamento dos existentes
12. Ampliar o número de Centros de Referência de Assistência Social em relação à população municipal
13. Implantar mecanismos de monitoramento das medidas socioeducativas de meio aberto
14. Implantar mecanismos de monitoramento do investimento criança e gastos sociais relacionados
15. Ampliar as ações de prevenção às DST/AIDS entre adolescentes
16. Ampliar o número de escolas implantando a Lei nº 10.639/03, que prevê a inclusão da temática de história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares
17. Reduzir a taxa de homicídios entre adolescentes
18. Ampliar o acesso à escola regular de crianças e adolescentes com deficiência
19. Reduzir o número de gestantes adolescentes
20. Ampliar o percentual de adolescentes de 16 e 17 anos cadastrados no Tribunal Regional Eleitoral

A estruturação da Plataforma é complexa e envolve diferentes atores, grupos organizados e instituições. A ideia é fazer chegar às comunidades as políticas públicas, programas, ações e serviços que vão contribuir para o alcance de 20 metas comunitárias, todas voltadas para a garantia do acesso de crianças e adolescentes a seus direitos básicos.

Para participar da Plataforma, as comunidades se inscreveram voluntariamente, depois de constituir um Grupo Articulador Local, GAL, formado por, no mínimo, dois representantes de organizações sociais, dois representantes do poder público, dois representantes de grupos de adolescentes e dois representantes escolhidos pela comunidade.

O CIEDS fez a capacitação, prestou assessoria e apoio técnico direto aos Grupos Articuladores Locais, para que pudessem desenvolver suas atividades com eficiência. Na Plataforma dos Centros Urbanos, a participação comunitária, a formação de agentes multiplicadores e a articulação de redes provaram, mais uma vez, serem estratégias fundamentais nos processos de desenvolvimento local.

São os Grupos Articuladores Locais que identificam as fragilidades e privações sociais, localizam e valorizam as potências e forças da sua região e planejam ações e interlocuções necessárias para responder aos problemas e fortalecer as oportunidades. Ou seja, é construído um diagnóstico local a partir do qual se planeja uma busca ampliada de soluções, sempre tendo como referencial as metas comunitárias pactuadas.

A Plataforma se estrutura: participação, comunicação, mudança

A Plataforma dos Centros Urbanos coloca em movimento uma série de dinâmicas de integração e interlocução, mobilização e participação que criam e fortalecem atores comunitários no caminho da garantia de direitos e, por outro lado, convocam a sociedade, como um todo, para se engajar na criação de oportunidades para aqueles que têm menos acessos a serviços e bens sociais.

O movimento da Plataforma começa com a seleção das comunidades que participarão do processo de certificação pelo Comitê Municipal da Plataforma. A escolha é feita segundo critérios acordados anteriormente pelo próprio grupo.

A seguir, são constituídos os Grupos de Adolescentes Comunicadores, que serão capacitados para promover ações e criar produtos de comunicação que mobilizem a comunidade em torno do alcance das metas referenciais.

No campo de Desenvolvimento de Capacidades, o Grupo Articulador Local, os agentes e comunicadores comunitários e adolescentes multiplicadores são capacitados para desenvolver as diversas ações requeridas - mapeamento das privações locais, das políticas públicas disponíveis e das instituições potencialmente parceiras; mobilização dos moradores; formulação de estratégias para o alcance das metas etc..

A Mobilização Local é estimulada por ações permanentes de comunicação, eventos e estímulo ao envolvimento dos moradores e de atores institucionais no sentido de integrarem as dinâmicas da Plataforma e se comprometerem com as metas comunitárias.

Atividades coletivas, como o mapeamento das forças e dos problemas da comunidade, a construção de um plano de ação, a promoção de campanhas e mutirões, entre outras ações, são priorizadas como estímulo à Participação Social que garante a sustentabilidade da Plataforma.

O Monitoramento e Avaliação são feitos por meio de pesquisas sobre a percepção dos moradores em relação às ações da Plataforma e em fóruns comunitários que analisam a qualidade dos serviços voltados para a infância e a adolescência na comunidade e seus arredores.

Ao monitoramento se somou um sistema de pontuação, que avaliou também a qualidade das ações de participação social. Os resultados valeram pontos, que definiram as comunidades que foram certificadas.

O Reconhecimento das Comunidades certificadas é realizado com um evento de grande visibilidade.

A certificação funcionou como um selo, uma referência que possa gerar outros benefícios para as comunidades.

O legado da Plataforma é o fortalecimento dos vínculos e relações internas e com outras regiões da cidade. Todo o movimento de interlocução e participação gerado pela Plataforma contribui para a criação de uma imagem positiva das comunidades e para uma legitimidade maior na ocupação de espaços institucionais, nos processos de negociação com investidores e poder público.

Mais que tudo, o que deve permanecer aquecido é o engajamento da população, que pode efetivamente mudar a história local.



Abrangência geográfica:

Comunidades populares na periferia de São Paulo e Itaquaquecetuba

Participantes:

Crianças e adolescentes habitantes de comunidades populares nas periferias de São Paulo e Itaquaquecetuba

Período de realização:

De janeiro de 2009 a junho de 2012

Financiador:

UNICEF



PROIND

Criatividade para melhoria da qualidade de vida

A experiência de transformação e adequação de uma estação de trabalho para auxiliares de jardinagem com deficiência foi um projeto realizado no âmbito do Programa de Inclusão da Pessoa com Deficiência no Ambiente de Trabalho, Proind, executado pelo CIEDS em parceria com o Centro de Pesquisa da Petrobrás.

O CIEDS utiliza, desde 2005, uma metodologia consistente de inclusão da pessoa com deficiência no mundo do trabalho. Verdadeiramente, uma boa prática

A metodologia utilizada no processo de apresentação do mundo do trabalho à pessoa com deficiência é um Plano de Desenvolvimento Individual, o PDI. O Plano, construído passo a passo a partir de uma interação entre coordenador e beneficiário, é baseado na metodologia de Orientação Socioeconômica, que também foi desenvolvida e utilizada pelo CIEDS na organização de micro-empresendimentos e na formação de empreendedores.

A equipe do Proind adaptou a metodologia exclusivamente para pessoas com deficiência. O Plano de Desenvolvimento Individual constrói, com o beneficiário, um mapa bem delineado das possibilidades, necessidades e perspectivas para a carreira profissional, dando-lhe uma visão de futuro. Esse Plano é uma ferramenta que, atualizada constantemente, funciona como um guia para o profissional, independente de sua participação no projeto.

Mais de 800 pessoas com deficiência já passaram pelo processo de formação para inclusão no mercado de trabalho feito pelo CIEDS.

Numa pequena estação de trabalho, na Ilha do Fundão, Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro, um grupo de quinze pessoas com deficiência se dedica ao cultivo de orquídeas. São pessoas com deficiência auditiva, intelectual, física e com Síndrome de Down.

Orquídeas, terra, ferramentas de jardinagem e tempo são os elementos a inserção e adaptação dessas pessoas num processo de produção coletiva, com procedimentos, horários e técnicas definidos. Ou seja, no mundo do trabalho.

Mas no vai e vem dos colaboradores do orquidário alguma coisa estava fora da ordem. Para a maioria dos observadores apenas um detalhe, que, no entanto, faz toda a diferença na vida de todo e qualquer trabalhador, e principalmente dos trabalhadores que possuem algum tipo de deficiência: a questão da adequação do espaço, do mobiliário e das ferramentas não só aos processos envolvidos na produção, mas também ao próprio trabalhador.

E estava lá, anotado na pauta do CIEDS:

“Norma Regulamentadora NR 17, do Ministério do Trabalho ERGONOMIA - tem como objetivo estabelecer parâmetros que permitam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores e à natureza do trabalho a ser executado, de modo a proporcionar o máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente. As características psicofisiológicas dizem respeito a todo o conhecimento referente ao funcionamento do ser humano, incluindo o conhecimento antropológico, psicológico e fisiológico.”

Ora, principalmente quando a meta é a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho é preciso que o ambiente seja adaptado, acessível.

E neste caso a coordenação do Proind percebeu que era preciso um olhar especializado sobre o orquidário, um olhar que identificasse problemas e soluções técnicas para tornar melhor o desempenho dos trabalhadores. Era necessária a colaboração de um ergonomista.

As profissionais de psicologia e serviço social que integram a equipe do Proind tiveram papel fundamental na construção desta interlocução, que precisava garantir resultados. As diferentes especializações e perspectivas foram fundamentais para a construção de uma percepção ampla das necessidades e possibilidades em jogo; para ressaltar a importância da garantia de direitos às condições adequadas de trabalho, e para garantir a participação dos próprios colaboradores nas decisões institucionais que viriam transformar o seu ambiente de trabalho.

Trabalho conjunto na construção de valores: um modelo a ser replicado

O projeto de transformação das condições de trabalho no orquidário permitiu ao CIEDS desenvolver uma experiência inovadora de integração de diferentes áreas de conhecimento, que gerou resultados impactantes para os colaboradores e para todos os profissionais envolvidos no processo, em todos os níveis.

Ergonomia

A Ergonomia, segundo o dicionário Michaelis, é o “conjunto de estudos relacionados com a organização do trabalho em função dos objetivos propostos e da relação homem-máquina. É a ciência de projetar *software* ou *hardware* que seja confortável e seguro de usar”.

Coube ao profissional de ergonomia avaliar o espaço e sua funcionalidade para adequar o mobiliário do orquidário aos colaboradores com deficiência que lá trabalhavam, se movimentavam e se relacionavam. O projeto previa a construção de tablado, bancos de apoio, cadeiras provisórias e cadeiras ergonômicas para uso externo. Parece simples, mas são muitos os fatores em jogo.

A meta era promover mudanças em relação ao conforto e à segurança dos colaboradores. Para ajustar o conteúdo da avaliação do ambiente de trabalho às especificidades das pessoas com deficiência físicas e psicológicas, o ergonomista precisou levar em conta condições mais sutis e complexas das relações de trabalho e pessoais.

O diferencial da experiência foi a abertura de um novo diálogo, a soma de diferentes olhares sobre um mesmo universo - pequeno, mas muito rico em diversidade. A ergonomia precisou conversar com a psicologia e o serviço social.

Psicologia

Foi a psicóloga do Proind que ressaltou a importância de levantar a opinião dos colaboradores do orquidário em relação a seu ambiente e condições de trabalho. Ela indicou a importância das questões subjetivas e da história de vida de cada um dos participantes que estavam sendo inseridos e adaptados ao mundo do trabalho.



As dimensões subjetivas se manifestam concretamente no desempenho e na qualidade do trabalho realizado, e no caso das pessoas com deficiência ingressando num novo universo, essas questões desempenham um papel mais significativo.

Qual era o nível de tolerância emocional e físico das pessoas envolvidas naquelas tarefas e naquele ambiente?

Por meio de entrevistas individuais, a psicóloga pôde perceber que os colaboradores com deficiência mental apresentavam baixo nível de tolerância ao método de trabalho, o que afetava sua saúde e produção. Então, vamos mudar!

Assistência Social

A assistente social foi uma grande incentivadora da prática profissional interdisciplinar.

Numa relação rica e construtiva com a equipe da carpintaria, discutiu os múltiplos fatores envolvidos no processo de adoecer: as condições socioeconômicas, culturais, ambientais. Ou seja, as Determinantes Sociais da Saúde, DDS. Esta relação de diálogo e troca fez com que a carpintaria entendesse o projeto da nova plataforma e assumisse um compromisso diferenciado com sua execução.

O CIEDS construiu a trajetória completa da percepção da oferta de condições de trabalho como favor para a garantia de direitos. Este é o caminho seguro para a pessoa com deficiência.

A Assistência Social trouxe para o processo de transformação do ambiente de trabalho a discussão mais ampla da importância da saúde do trabalhador como uma garantia de direitos.

No orquidário, a Petrobras valorizou a adequação do mundo do trabalho ao bem estar e às necessidades do trabalhador e melhorou o processo produtivo. Finalmente, mas não menos importante, mostrou ser possível garantir equidade e saúde para todos.

O colaborador

A equipe técnica do Proind e o ergonomista consideraram fundamental a participação dos colaboradores na avaliação das condições do posto de trabalho. Eles puderam contribuir com suas impressões e principalmente na semana de testes do protótipo da plataforma de trabalho, fizeram suas considerações sobre o uso prático, apontando dificuldades e melhorias.

A palavra dos colaboradores, aqui, foi fundamental na construção das plataformas definitivas, sendo o verdadeiro agente das transformações, pois só eles poderiam confirmar a adequação das propostas à sua rotina de trabalho.

O CIEDS já registrou em suas práticas: quanto mais eficiente o ambiente, menores são os impactos das deficiências; quanto mais inclusivos e acessíveis são a cidade e seus espaços, menor o número de excluídos.

Abrangência geográfica:

Unidade da Petrobras na Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro

Participantes:

Colaboradores da Petrobras

Período de realização:

Novembro de 2011

Financiador:

Petrobras

Shell Iniciativa Jovem

Cultura empreendedora - decidindo o futuro

Montar o próprio negócio. Usar a qualificação obtida a tanto custo para realizar seus próprios ideais e aprender como, quando e onde fazê-lo. Estabelecer metas de valor intrínseco e real para quem dá duro para alcançá-las, e não apenas para uma diretoria distante com a qual não há nem ao menos contato direto. Em poucas palavras: realizar um sonho. Essa é a oportunidade que o Programa Shell Iniciativa Jovem oferece a jovens empreendedores para que desenvolvam suas ideias com perspectivas de negócio sólidos e sustentáveis.

Os últimos anos trouxeram mudanças fundamentais na conjuntura do mercado do trabalho.

Segundo especialistas, os profissionais estão mais dispostos a rejeitar a lógica da ascensão corporativa e efetuar mudanças radicais na trajetória profissional em busca de opções mais adequadas aos padrões individuais do emprego ideal.

Um levantamento recente que obteve 46 mil respostas, a maioria de jovens de 21 a 24 anos, revelou que 48% dos entrevistados já pediram demissão por motivos como divergência

com os valores da empresa, busca de novos desafios e falta de perspectiva de crescimento. Enquanto os motivos mais citados como causas de admiração em relação a um superior foram o empreendedorismo e a capacidade de inovar.

Já em pesquisa realizada com mais de 4 mil executivos brasileiros de diversas especializações, em meio a um contexto nacional de aumento da oferta de emprego e crescimento da renda média, a característica da "empresa dos sonhos" mencionada pela maior parte (25%) dos entrevistados também surpreendeu: uma proposta de valores e crenças pessoais. Um alto salário, por outro lado, foi citado por apenas 3% dos entrevistados.*



Versão nacional do Shell LiveWire, lançado no Reino Unido em 1982 e presente em 14 países, o programa Shell Iniciativa Jovem oferece capacitação gratuita voltada ao empreendedorismo e suporte e estímulo a redes de relacionamentos sustentáveis para jovens de 20 a 34 anos. No Brasil, empreendedores como Alan James, criador da Biruta Ideias Mirabolantes, Fábio Lewin, da Coco Legal, Julia Vidal, da Balaco, e Alice Freitas, da Rede Asta, passaram pelo programa.

Entre os projetos criados pelos participantes em 2012 estão desde uma academia ao ar livre exclusiva para mulheres, até um aplicativo de busca de opções de lazer e entretenimento para celulares, passando por uma empresa de gestão de resíduos em condomínios residenciais de Niterói e uma confeitaria que produz pães a partir do bagaço do malte resultante da produção de cervejas artesanais.

Presente no Brasil desde 2001 e executado pelo CIEDS desde 2009, o Programa oferece ferramentas e orientações aos jovens empreendedores por meio de um ciclo contínuo composto por três módulos. Cada turma tem a duração de 12 meses, num processo que começa com a seleção dos empreendimentos e acompanha o jovem até a legalização do seu negócio.

O primeiro módulo, que acontece após a triagem inicial dos projetos inscritos, é a introdução ao projeto, denominado Laboratório de Ideias. Essa fase é composta por dinâmicas de grupo e jogos, com 12 horas de atividades distribuídas em encontros semanais de quatro horas de duração, ao longo de três semanas. No fim desse período, são selecionados os jovens com maior potencial empreendedor. E é aí que as percepções e planos começam, pouco a pouco, a passar por transformações.

“No início acontece de confundirmos muito nós mesmos com a empresa. O programa começou a passar essa consciência de que eu sou uma coisa e o empreendimento é outra.”

Mariana de Carvalho Brito, idealizadora do Proativa Club, empreendimento voltado para a prescrição de atividade física orientada para mulheres de todas as idades.

Do casulo à realização

Se a primeira etapa marca o início de uma metamorfose necessária, o segundo módulo aprofunda ainda mais esse processo. Afinal, a vontade é apenas o combustível para que as ideias dos empreendedores assumam o formato que, se tudo der certo, virão a ter de fato.

Durante a Oficina de Projetos ocorrem aulas sobre temas como estratégia, inovação e estudos de mercado e responsabilidade social, sem deixar de lado marketing, finanças, gerenciamento de pessoas e até noções de direito. Com este capital de conhecimentos os alunos elaboram seus planos de negócios, que serão submetidos, então, a uma banca avaliadora.

Os projetos aprovados pela banca permanecem no programa e ingressam, por fim, na Fábrica de Negócios. Nessa fase, as oficinas assumem o formato de consultorias para a consolidação dos projetos.

São 300 horas, distribuídas ao longo de seis meses, para atender às necessidades específicas de cada empreendimento. Nesse momento, os projetos já foram elaborados e estão prontos para serem transformados em empreendimentos reais. É quando acontece, finalmente, a conclusão da metamorfose.



“O que o programa proporcionou para mim foi materializar uma ideia. Muito em breve, aquilo que era só uma ideia vai ter um endereço.”

Gyslla Santos, da empresa de soluções ambientais Reutil.

Ao final da etapa decisiva, os empreendimentos passam por nova avaliação, de acordo com critérios de sustentabilidade, e os projetos considerados aptos recebem o Selo Iniciativa Jovem de Empreendedorismo Sustentável, que por sua vez é o visto de entrada para a Rede de Empreendimentos Sustentáveis Iniciativa Jovem.

Criada em 2006, a Rede compõe um polo voltado para a consolidação e crescimento das operações dos jovens empresários. Mas, mais uma vez, o caminho exige paciência e determinação.

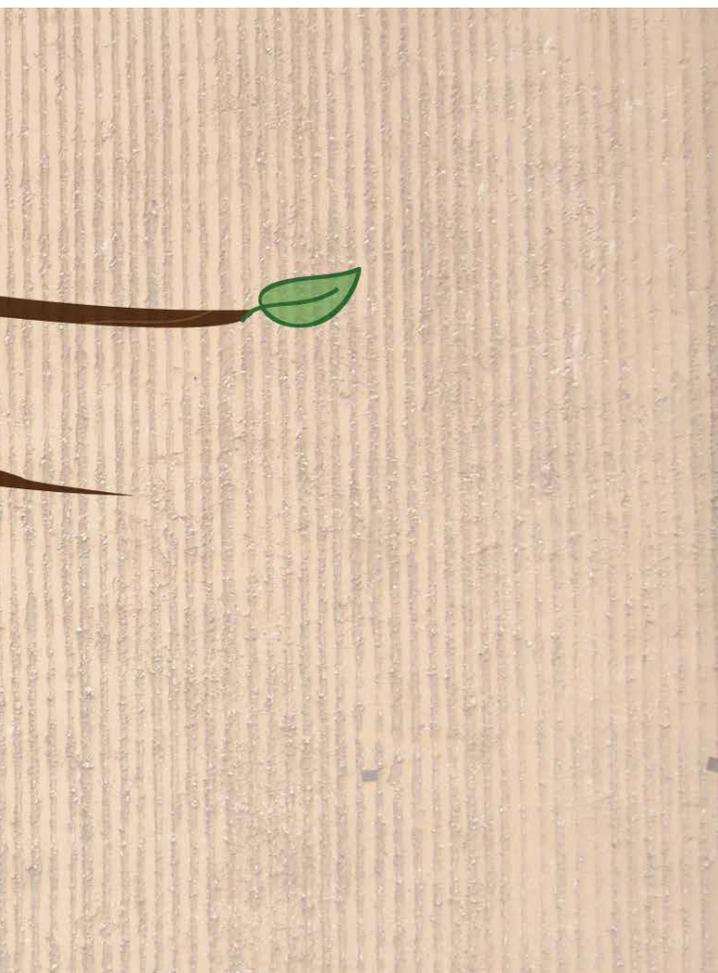
É um trabalho um pouco longo de desenvolvimento, mas eu posso dizer que aqui eu encontrei respostas para um monte de perguntas que a gente tem quando quer abrir um negócio, quanto a toda a proposta, modelo de negócios, quais caminhos dá para seguir, o que é e o que não é.”

Aloísio Corrêa de Moraes, criador do Razoom, aplicativo para smartphones que operam com sistema operacional Android, do Google, ou IOS da Apple.

Para o CIEDS, a gestão de todos estes processos e dinâmicas do Iniciativa Jovem é uma experiência que coroa um trabalho de longos anos de estímulo ao empreendedorismo e estimular a cultura do empreendedorismo é uma boa prática testada e aprovada inúmeras vezes pela instituição.

Em 2001, o CIEDS, com uma proposta visionária, criava o Fundo de Apoio a Iniciativas Socioeconômicas, investindo em 52 projetos comunitários. O Fundo previa a capacitação e organização dos grupos comunitários, investindo na cultura empreendedora como saída para as dificuldades de inserção no mercado de trabalho e opção de geração de renda.

Vandré Brillhante, fundador do CIEDS, economista, trouxe para o Terceiro Setor e para os projetos sociais a questão do incentivo ao empreendedorismo e a organização comunitária como uma forma de criar “portas de saída”, soluções para condição de pobreza em que estavam, e estão, as famílias de baixa renda. Testou a metodologias de organização de grupos em negócios econômicos e sociais em todo o Brasil.



“Empreender é antes de tudo criar novos caminhos diante de um cenário estático. Mais claramente, é tornar possível a realização de um projeto econômico ou social que traga novas formas de atuação e também resultados para a vida de um indivíduo ou de um grupo. Partindo deste princípio, o CIEDS aposta no estímulo ao empreendedorismo como motor de mudanças.

No processo de empreender, jovens e adultos, pobres ou ricos, amadurecem, não apenas suas ideias, mas também como indivíduos, porque passam por processos de desconstrução e construção, onde ideias são confrontadas com dados reais, com base no diferencial, com base na maior chance de sucesso.”

Como um agente social de mudanças, o CIEDS acredita que o empreendedorismo impulsiona o dinamismo econômico e social no mercado e possibilita a milhões de pessoas realizarem ideias que, mesmo partindo do individual, geram novas possibilidades e resultados para milhões de outras pessoas.

São as ideias concretizadas que movem a sociedade e constroem o futuro.



Abrangência geográfica:

Rio de Janeiro e municípios próximos

Participantes:

Jovens de 20 a 34 anos do Rio de Janeiro e municípios próximos

Período de realização:

Desde outubro de 2009

Financiador :

Shell

**As pesquisas Empresa dos Sonhos dos Executivos e Empresa dos Sonhos dos Jovens foram idealizadas pelo Grupo DMRH e realizadas pela Nextview People entre janeiro e fevereiro de 2013 e fevereiro e maio de 2012, respectivamente.*

***Os depoimentos dos empreendedores da turma de 2012 do programa foram obtidos a partir dos vídeos disponíveis no site iniciativajovem.org.br*

Teia Educativa Jenipapo

A escola é a comunidade, a comunidade é a escola

A aranha tece puxando o fio da teia...

João do Vale

A Teia Educativa Jenipapo instalou uma nova dinâmica na relação da comunidade de Jenipapo com as suas escolas públicas e proporcionou ao CIEDS uma experiência muito especial – tecer de forma coletiva uma rede de suporte e dinamização das escolas de um pequeno povoado.

O projeto foi implantado em Jenipapo, agreste sergipano. Localizado a 12 km da sede do município, Lagarto, o povoado de Jenipapo tinha uma população estimada, segundo o cadastro de 2009, de 3.500 habitantes.

O Município de Lagarto integra mais de 100 povoados, e a sede dista 78 km da capital do Estado de Sergipe, Aracaju.

O CIEDS, com o diagnóstico do local, pegou a estradinha e foi aplicar seus métodos de participação e integração lá nas escolas públicas de Jenipapo, “puxando o fio da teia” para formar uma rede ampla com estudantes, professores e funcionários das escolas, mais moradores, instituições públicas e privadas.

A Teia Jenipapo ampliou os horizontes da educação no povoado e contribuiu para melhorar o desempenho de professores e alunos.

No pequeno povoado, com apenas duas unidades escolares públicas, o CIEDS testava, em 2008, uma metodologia para melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Metodologia que se mostrou consistente e que gera frutos até hoje, sendo utilizada em outros projetos. Sua premissa é de que a escola não pode permanecer como um espaço isolado, fechado à comunidade na qual se insere. O portão da escola

precisa estar aberto, como uma via de mão dupla – a escola vai à comunidade e a comunidade vai à escola, trocando saberes, agregando valores, cooperando.

Para revitalizar e qualificar a pequena rede de ensino público, o CIEDS propôs ações estratégicas para integrar diversos atores numa grande rede de suporte e promoção não apenas às escolas, por meio de seus funcionários, mas de toda a comunidade.

Durante dois anos, 2008 e 2009, o CIEDS trabalhou junto ao Colégio Estadual Senadora Maria do Carmo do Nascimento Alves e à Escola Municipal Irmã Maria Cândida.

O Projeto Teia Educativa Jenipapo teve como premissa o fortalecimento da escola como polo privilegiado de cidadania.

A Teia Educativa Jenipapo organizou oficinas de capacitação para professores, alunos e comunidade; implantou uma biblioteca e uma videoteca em cada uma das duas unidades; realizou fóruns de debate e outros eventos.

O trabalho de criação das bibliotecas se inseriu na perspectiva de fortalecer canais de acesso à leitura como um recurso de ensino-aprendizagem. O incentivo à leitura foi utilizado como uma estratégia para facilitar a aprendizagem e também como forma de criar acessos a novos saberes, por meio da literatura, resignificando o universo simbólico local.

Em pequenos municípios brasileiros, a escola é muitas vezes a única referência de cidadania e inclusão. Cabe, portanto, fortalecer esse papel privilegiado na formação de crianças e jovens, fornecendo elementos que tornem

o ambiente didático mais rico e que instrumentalizem os profissionais para que possam desempenhar melhor sua função. Em lugares como Jenipapo, um povoado com 3.500 moradores, quando a escola assume seu papel, o impacto social e cultural é muito significativo.

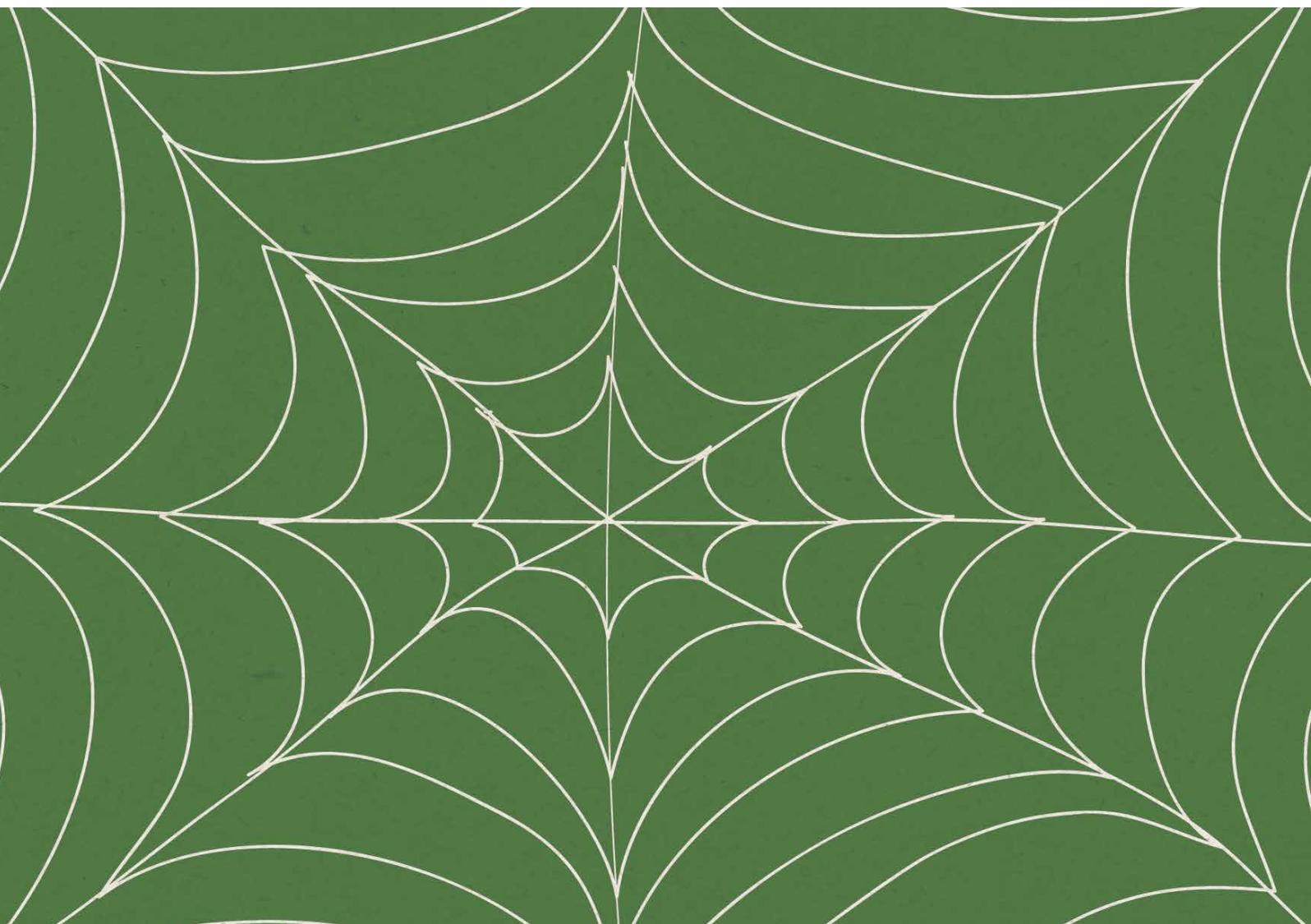
E a Teia levou, para todo o processo de capacitação, a contribuição dos atores locais e a utilização da cultura da região como elementos fundamentais na construção conjunta de novas condições de aprender e ensinar.

O CIEDS há muito tempo aprendeu que sem o engajamento dos atores locais não existe projeto sustentável.

Com foco na criação de uma dinâmica de trabalho fundamentada na participação crítica e pró-ativa de professores e diretores, o projeto propôs uma reflexão sobre a prática cotidiana da docência e da gestão educativa, buscando trazer melhorias concretas e permanentes para as unidades escolares e para a relação entre escola, professores, alunos e comunidade.

Com capacitações participativas, focadas no diálogo, em leituras comentadas e dinâmicas de grupo, o Teia Educativa levava para professores de Jenipapo uma proposta de trabalho integrado e criativo. Não apenas a forma de organização dos grupos ditava a inovação. A integração dos conteúdos didáticos com as experiências da prática cotidiana da docência, seus desafios e potenciais, uma narrativa que era trazida pelos professores de Jenipapo, possibilitou um ambiente de trabalho diferenciado.

O projeto previa também a realização de oficinas e capacitações para toda a comunidade do povoado. A oportunidade de ter uma equipe técnica no local, capacitada para levar informação e construir saberes



junto à população, foi amplamente explorada, com a realização de encontros e oficinas nas escolas beneficiadas pelo projeto.

A criação e manutenção das bibliotecas e videotecas, em cada escola, foi um dos pontos altos das ações. Evidente que as bibliotecas atendiam ao objetivo de incentivo à leitura, mas o próprio processo de sua criação foi uma experiência rica, num movimento permanente de ampliação, com a busca de novas parcerias para o aumento do acervo e finalmente com a utilização de seu espaço para atividades ligadas ao universo da literatura.

O acervo das videotecas foi enriquecido com a doação, pelo Projeto Teia Educativa Jenipapo, de 41 DVDs educativos que ficaram como legado para a utilização dos professores na montagem de planos de aula e utilização como material didáticos.

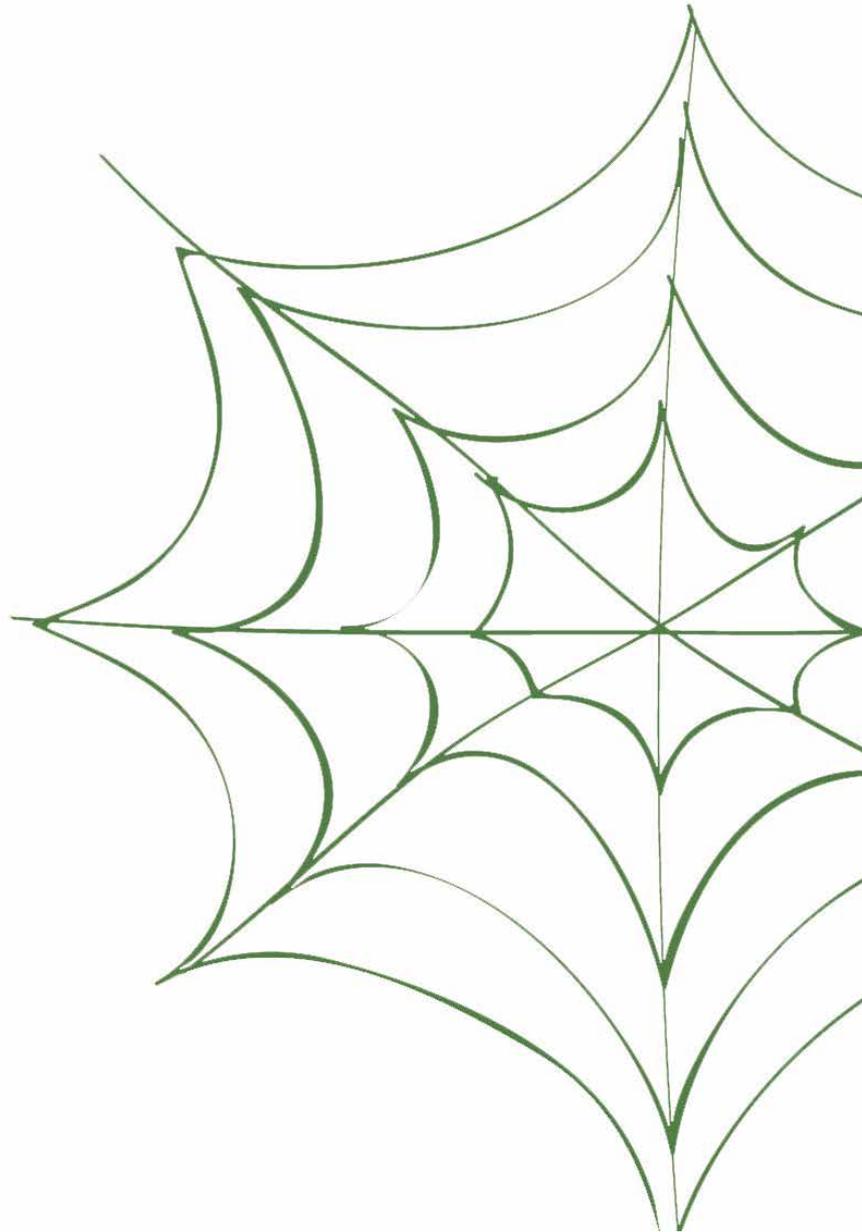
Fóruns permanentes de discussão - espaço para trocar ideias

A realização de fóruns de discussão possibilitou o estreitamento das relações entre a equipe do projeto, seus beneficiários diretos – estudantes, professores, diretores das escolas – e também pais e responsáveis, e os moradores do povoado. Os fóruns se tornaram um espaço de fala e escuta, de avaliação das ações do projeto e de colocação de sugestões, críticas e demandas da comunidade.

Os fóruns discutiam também temas que surgiam durante outras atividades. Saúde e prevenção, meio ambiente, empreendedorismo, entre outros.

A experiência em Jenipapo reafirmou para o CIEDS a importância da participação da comunidade em todo o processo de mudança e melhoria de suas instituições, públicas ou privadas.

Num povoado pequeno, rico de uma cultura local, regionalizada, o CIEDS recriou suas práticas de participação e consolidação de parcerias, provando que em todo lugar do mundo a melhor estratégia é sempre o diálogo.



Abrangência geográfica:

Povoado de Jenipapo, Lagarto, Sergipe

Participantes:

Alunos e corpo docente do povoado de Jenipapo, Lagarto, Sergipe

Período de realização:

Janeiro de 2008 a dezembro de 2009

Financiador:

Instituto HSBC Solidariedade / Brazilfoundation

PALAVRAS FINAIS

Caros,

A empreitada de elaboração dessa publicação nos conduziu por um trajeto muito rico e prazeroso. Revisitar projetos e ações realizados ao longo de nossos 15 anos nos permitiu observar o quanto de aprendizado foi acumulado até aqui e ratificar que nossos projetos são filhos e pais uns dos outros, criações e recriações de um jeito próprio de fazer e consequência de um propósito que nos guia, a articulação de parcerias estratégicas para a construção de redes para a prosperidade.

As ações aqui descritas só foram possíveis devido à imensa gama de parceiros que nos apoiaram técnica e financeiramente durante estes quinze anos. Com eles aprendemos, trocamos, dialogamos e transformamos ações, de grande ou pequeno porte, em mudanças sociais efetivas.

Esperamos que essa publicação possa inspirá-lo a realizar ações e projetos que possibilitem, ainda que modestamente, a construção de uma sociedade mais democrática para todos. Se tiver dúvidas, quiser saber mais ou dar sugestões estamos com nossas portas abertas. Acreditamos que é a partir da troca que há construção.

Esses relatos mostram que é possível fazer. E são um convite à prática.

Mãos à obra e contem sempre conosco.

Fábio Müller
Diretor Executivo

O CIEDS

O CIEDS, Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável, é uma Instituição Social Sem Fins Lucrativos, filantrópica, detendo titularidade de Utilidade Pública Federal.

Com sede na Cidade do Rio de Janeiro, o CIEDS desenvolve projetos em todo o território nacional, tendo filial em São Paulo e escritório de representação no Ceará. O CIEDS articula parcerias estratégicas para a construção de redes para a prosperidade, o que entendemos como boa educação, boa alimentação, saúde, governança e confiança no futuro.

Somos criadores e articuladores de tecnologias que promovem políticas públicas mais efetivas e um investimento social estratégico. Em 15 anos de experiência e mais de 354 projetos realizados em diferentes áreas como saúde, cultura, empreendedorismo, educação, juventude e desenvolvimento, a instituição foca em gestão de excelência para gerar resultados pertinentes e transformadores para todos os públicos.

A consolidação de nossa experiência é decorrência dos programas e projetos já executados e da trajetória profissional de nosso corpo técnico, além do aprofundamento de estudos e reflexões sobre os temas no campo do desenvolvimento sustentável.

Temos a convicção que cada pessoa possui em si mesma o potencial para se desenvolver - e assim construir uma sociedade mais próspera e sustentável. Nosso papel é articular forças, aportar metodologias e gerar conhecimento, para fazer acontecer a transformação que empodera os indivíduos.

www.cieds.org.br

Essa publicação foi produzida pelo CIEDS em julho de 2013.
Impressa na Gráfica Mangava, com miolo em papel couché silk
importado galerie LD 90 gramas e capa em papel couché brilhante
importado LD 300 gramas, utilizando as famílias tipográficas Museo
(títulos e subtítulos) e Myriad (texto).

CIEDS: 15 anos de Boas Práticas



Rio de Janeiro

Rua Cons. Saraiva 28, 8º andar
Centro - Rio de Janeiro
CEP: 20091-030
55 21 3094-4555

São Paulo

Rua José Bonifácio, 250 - 6º andar
Centro - São Paulo
CEP: 01003-000
55 11 3105-2229

Ceará

Av. José Lucio Menezes 1107, Croata I
Centro - Pacajus - CE
CEP: 62870-000
55 85 3348-0486

www.cieds.org.br